CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

O AFRONTAMENTO DE ZÓZIMO BULBUL NA LUTA ANTIRRACISTA

Filipe Macário Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais

Orientador: Samuel Silva Rodrigues de Oliveira

Rio de Janeiro
Novembro de 2021

O AFRONTAMENTO DE ZÓZIMO BULBUL NA LUTA ANTIRRACISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico Raciais

Filipe Macário Silva

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Samuel Silva Rodrigues de Oliveira (CEFET/RJ) (orientador)

Prof. Dr. Roberto Carlos da Silva Borges (CEFET/RJ)

Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza (UFBA)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S586 Silva, Filipe Macário
O afrontamento de Zózimo Bulbul na luta antirracista / Filipe Macário Silva. — 2021.
95f. : il. (algumas color.) , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.
Bibliografia : f. 91-95
Orientador: Samuel Oliveira

1. Bulbul, Zózimo, 1937-2013. 2. Negros biografia. Negros no cinema. 3. Negros na indústria cinematográfica. 4. Negros identidade racial. I. Oliveira, Samuel (Orient.). II. Título.
CDD 920

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

RESUMO

O afrontamento de Zózimo Bulbul na luta antirracista

Jorge Silva, conhecido como Zózimo Bulbul, foi precursor do Cinema Negro Brasileiro. Além de um legado no audiovisual, Zózimo foi um artista com grande importância na luta antirracista ao longo de sua trajetória. Sempre movido por questões étnico-raciais, Jorge Silva, seu nome de batismo, era desbravador e provocador. Sua sede por conhecimento o capacitava a discutir sobre o racismo vivenciado pelos lugares que passava. A política, a arte e o ativismo proporcionaram a formação de um cineasta preocupado com a educação de seu povo, pensando no coletivo, na tentativa de unir os seus, tendo como destaque sua filmografia, o Centro Afro Carioca de Cinema e o Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, realizado anualmente até os dias de hoje. O problema central dessa pesquisa é: como a produção de arte negra afrontou ao racismo no Brasil e qual a importância de Zózimo nessa produção? A pesquisa faz uso da pesquisa documental no acervoprivado do artista.

Palavras-chave: Zózimo Bulbul; Afrontamento; Cinema Negro.

ABSTRACT

Zózimo Bulbul's confrontation in the anti-racist struggle

Jorge Silva, known as Zózimo Bulbul, was a precursor of Brazilian Black Cinema. In addition to an audiovisual legacy, Zózimo was an artist with great importance in the anti-racist struggle throughout his career. Always driven by ethnic-racial issues, Jorge Silva, his given name, was a trailblazer and provocateur. His thirst for knowledge enabled him to discuss the racism experienced by the places he passed. Politics, art and activism provided the formation of a filmmaker concerned with the education of his people, thinking about the collective, in an attempt to unite his own, with emphasis on his filmography, the Centro Afro Carioca de Cinema and the Encontro de Cinema. Negro Zózimo Bulbul, held annually to this day. The central problem of this research is: how the production of black art faced racism in Brazil and what is the importance of Zózimo in this production? The research makes use of documentary research in the artist's private collection.

Keywords: Zózimo Bulbul; Confrontatio; Black Cinema.

SUMÁRIO

Introdução **9**

Pesquisa e Lugar Social da investigação **9**

Objetivos da Pesquisa **16**

Metodologia **17**

Parte 1 ..... **29**

1. Zózimo por ele mesmo – infância e juventude **29**

1.1. Infância 29

1.2. Juventude 36

1.3. Belas Arte 40

1.4. Cinema Novo – Aproximação e Ruptura 44

Parte 2 ..... **49**

1. O Afrontamento De Zózimo Bulbul **51**

1.1 Final da década de 60 51

1.1.1 Renascença (1968) 51

1.1.2 Excelsior: Vidas e Conflitos (1969) 52

1.2 Década de 70 55

1.2.1 Compasso de Espera (1971) 55

1.2.2 Alma no Olho (1973) 56

1.2.3 Orfeu Negro (1973) 60

1.2.4 Um despertar no Exílio (1974) 64

1.2.5 EUA e França (1974) 64

1.2.6 Biza Vianna (1977) 66

1.2.7 IPCN (1977) 67

1.2.8 MNU (1978) 71

1.2.9 GRAN. Samba Quilombo (1978) 72

1.3 Década de 80 74

1.3.1 Aniceto do Império em Dia de alforria...(?) 74

1.3.2 Grupo Bruzundanga (1982) 75

1.3.3 ACAAN – Associação Cultural de Apoio as Artes Negras (1983) 76

1.3.4 Abolição (1988) 78

1.4 Década de 90 81

1.5 Anos 2.000 82

1.5.1 A consolidação do Sonho: Fundação do Centro Afro Carioca de Cinema Zózimo Bulbul (2007) 84

1.5.2 Encontro de Cinema Negro (2007) 86

1.5.3 FESPACO (2009) 87

1.5.4 Senegal (2010) 87

1.5.5. O Último Encontro 88

Considerações Finais 89

Referências 91

Introdução

Jorge Silva, conhecido como Zózimo Bulbul, foi precursor do Cinema Negro Brasileiro. Além de um legado no audiovisual, Zózimo foi um artista com grande importância na luta antirracista ao longo de sua trajetória.

Sempre movido por questões étnico-raciais, Jorge Silva, seu nome de batismo, era desbravador e provocador. Sua sede por conhecimento o capacitava a discutir sobre o racismo vivenciado pelos lugares que passava.

A política, a arte e o ativismo proporcionaram a formação de um cineasta preocupado com a educação de seu povo, pensando no coletivo, na tentativa de unir os seus, tendo como destaque sua filmografia, o Centro Afro Carioca de Cinema e o Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, realizado anualmente até os dias de hoje.

O problema central dessa pesquisa é: como a produção de arte negra afrontou ao racismo no Brasil e qual a importância de Zózimo nessa produção?

Pesquisa e Lugar Social da investigação

> Antes chegarmos ao que se entende sobre o conceito de lugar de fala propriamente dito, é importante falarmos dos percursos de luta (...) (RIBEIRO, 2019, p.7)

Toda pesquisa tem um lugar social e político, essa não é diferente. Em 2018 fui morar na Bahia. Dancei com o Balé Afro do Recôncavo e estudei na UFRB como ouvinte em disciplinas do curso de Cinema e Arte Visual.

Gravei o filme “Seres” em Salvador com Eliete Miranda e Rodrigo Mends e vim ao Rio para exibir no 11º Encontro de Cinema Negro. Tinha a pretensão de voltar pra Bahia depois do Encontro, mas recebi o convite de Biza Vianna

para trabalhar como fotógrafo no Ponto de Cultura que começaria em janeiro do ano seguinte.

Trabalhei como fotógrafo e diretor de produção durante as gravações do filme Encruza (2019), resultado do curso realizado pelo Centro Afro Carioca de Cinema.

Me tornei assistente de Biza Vianna, companheira de Zózimo Bulbul, diretora e presidente do Centro Afro Carioca de Cinema, e também me tornei residente artístico da instituição. Passei no processo seletivo da FLUP[1] e iniciei minha pesquisa sobre a vida de Zózimo Bulbul. Ao lado de Jorge Gonzaga, produtor do Centro Afro, organizamos o acervo de Zózimo, localizado no terceiro andar do Centro Afro Carioca de Cinema. Lugar o qual acumulava um acervo enorme de todo material guardado por Zózimo desde os anos 70. Incluindo documentos do Afro e até figurinos e documentos de Biza Vianna.

Após a FLUP, levei o projeto para o curso oferecido em São Paulo pela NETFLIX[2] e ganhei uma bolsa na Roteiraria, onde continuei a pesquisa sobre a vida de Zózimo.

É uma grande responsabilidade ser o primeiro pesquisador a acessar o acervo pessoal do grande mestre Zózimo Bulbul. Durante a escrita da dissertação e do argumento cinematográfico, me dei conta do tamanho da importância de todo aquele material.

Revisão Bibliográfica

Um dos primeiros trabalhos sobre a trajetória de Zózimo Bulbul foi o de Noel de Carvalho. Professor do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Multimeios – UNICAMP, pesquisador Associado ao Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les

[1] A Flup – Festa Literária das Periferias é uma festa literária internacional cuja principal característica é acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade do Rio de Janeiro.

[2] Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming sediada em Los Gatos, Califórnia, e que atualmente possui mais de 200 milhões de assinantes. Fundada em 1997 nos Estados Unidos, a empresa surgiu como um serviço de entrega de DVD pelo correio.

Mondes Ibériques Contemporains (CRIMIC) - Univ. Paris-Sorbonne, IV, graduado em Ciências Sociais (USP), mestre em Multimeios (UNICAMP) e doutor em Sociologia (USP), investiga os temas: cinema e cultura brasileira; o negro e o cinema brasileiro; cinema e política; produção, inovação e mercado cinematográfico.

Ele escreveu a tese de doutorado *Cinema e representação racial: o cinema negro de Zózimo Bulbul* (2006). Este trabalho tinha como objetivo discutir a representação do negro no cinema brasileiro. Desse modo, ele está dividido em duas partes que se relacionam. Na primeira analisa o negro no cinema no contexto do nacionalismo brasileiro da década de 50 e 60. Na segunda parte analisa a obra do cineasta negro Zózimo Bulbul em dois momentos centrais: sua origem artística no movimento Cinema Novo e sua atuação no movimento negro. Também faz uma análise dos filmes dirigidos por Bulbul: Alma no olho (1974), Artesanato do samba (1974), Dia de alforria... (1981), Abolição (1988) e Pequena África (2002).

Outros trabalhos do autor também se fazem presentes nas referências dessa dissertação. Abaixo listo esses artigos e suas contribuições:

- “O Negro no Cinema Brasileiro: O Período Silencioso” (2003). Este artigo trata da participação do negro no cinema brasileiro no período de 1898 até os anos 1920. Seu objetivo é: 1) contextualizar o cinema no Brasil em relação à problemática vivida pela população negra no período pós-abolicionista; 2) descrever, ainda que sucintamente, os filmes que trazem representações sobre o negro brasileiro, 3) discutir as representações do negro em cinco filmes.

- “Dogma Feijoada A Invenção Do Cinema Negro Brasileiro” (2018). Artigo tinha como a finalidade de analisar aspectos do Dogma Feijoada, um movimento de diretores e profissionais negros do audiovisual de São Paulo que, desde o final da década de 1990, preconizava a necessidade de ressignificar as imagens e representações sobre o negro no cinema brasileiro. A partir do lançamento do manifesto Dogma Feijoada, em 2000, escrito pelo cineasta Jeferson De, o movimento buscou produzir filmes centrados na temática racial e desenvolver um conceito de “cinema negro” brasileiro, o que causou polêmicas e

controvérsias no meio cinematográfico, sem, contudo, deixar de influenciar a produção contemporânea de cineastas autodeclarados afro-brasileiros.

- “Produtor e Cineasta Zózimo Bulbul – Inventor do Cinema Negro Brasileiro” (2012). O artigo retrata o cineasta e ator Zózimo Bulbul que produziu e dirigiu filmes e vídeos documentários de curta, média e longa metragem sobre a história do negro no Brasil. Emergindo nos anos 1960 e reivindicando uma nova narrativa para a experiência negra na América. Os seus filmes deram forma cinematográfica a elas.

Nessa dissertação, analisaremos a trajetória do cineasta com foco no racismo por ele atravessado e apontaremos todos esses momentos de sua luta antirracista. Diferente dos trabalhos de Noel, que teve o Zózimo como entrevistado, nessa pesquisa eu utilizo o acervo deixado por ele no Centro Afro Carioca de Cinema, acervo o qual eu tive a função de catalogar e me aprofundar em suas vivências mediante as memórias deixadas nos documentos, roteiros, fotos, cartas, anexos, filmes, dentre outros materiais que serão citados ao decorrer do texto.

Analisaremos o *afrontamento* do verbo afrontar, sinônimo de encarar de frente, enfrentar. É o melhor termo para descrever a performance de Zózimo nos campos das artes durante sua trajetória artística.

Zózimo afrontou todas as experiências que teve com o racismo desde sua infância, sempre com muita audácia, sem medo, sem receio, afrontou todas as pessoas que foram racistas em sua presença. Provocou e desafiou muitas pessoas em prol de sua luta antirracista.

Abordaremos também a diáspora e o Brasil através das referências de teóricos das relações raciais e manifestação do racismo. Nesse sentido, o texto faz uso do referencial decolonial construído por Frantz Fanon. Nascido em 20 de julho de 1925 na ilha da Martinica, antiga colônia francesa, foi médico psiquiatra, escritor e intelectual negro. Fanon atuou na segunda guerra mundial, combatendo ao lado dos franceses, durante este período foi condecorado duas vezes por bravura. Após isso formou-se em medicina na cidade de Lyon, França, onde se especializou em psiquiatria, para além disso observa-se também que Fanon estudou filosofia e literatura. Durante seu período na Argélia foi um dos

membros da Frente de Libertação Nacional (FLN), e também diretor do Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville (hoje Hospital Frantz Fanon), durante seu tempo na FLN buscou empenhar esforços na luta pela autonomia deste país, bem como lutar contra o colonialismo e o racismo da modernidade. Faleceu em Maryland, Estados Unidos, no ápice dos seus 36 anos de idade, na data de 6 de dezembro em 1961, em decorrência da leucemia (SILVA M. C., 2008).

Um dos trabalhos centrais da conceituação do racismo na modernidade feitos por Fanon é o livro *Pele negra mascaras brancas*, publicado em 1952. Trata-se de um ensaio interdisciplinar, pois transcende as fronteiras acadêmicas: tem forte caráter sociológico, epistemológico, político e poético (o poeta e militante martinicano Aimé Césaire[3], ligado à negritude e ao surrealismo, é supracitado), se utiliza da psicanálise, faz análises clínicas, sócio diagnósticos, analisa também obras literárias e cinematográficas, propondo um conjunto de mecanismos retóricos que implementam diferentes maneiras de abordar um problema, a saber: as relações entre negros e brancos pautadas pelo racismo. O livro foi escrito quando o autor tinha 25 anos de idade e publicado quando tinha 27. Originalmente seria sua tese de doutorado em psiquiatria, recusada pelos membros da banca julgadora. Fanon obteve doutorado com outra tese, mas em 1952 conseguiu publicar o texto que havia sido recusado.

Fanon publicou numerosos livros, incluindo Os Condenados da Terra (1961). Este influente trabalho centra-se naquilo que ele acreditava ser o papel necessário da violência dos ativistas na condução de lutas de descolonização. Com erudição, Fanon articula conceitos da filosofia, psicanálise, psiquiatria e antropologia, e autores como Hegel, Sartre, Lacan, Freud e Aimé Cesaire (referência literária, intelectual e política que perpassa toda a obra), numa notável linguagem poética, que nos conduz a uma reflexão sobre sua relação com o tema dessa dissertação. As relações raciais aqui são entendidas

[3] Nascido na Martinica, em família negra de classe média-baixa, Aimé Césaire (1913-2008) foi, acima de tudo, um gênio. Poeta, ensaísta, dramaturgo e político, tudo ao mesmo tempo. Defensor das causas anticolonialistas e dos direitos dos negros, além de ser um dos criadores do conceito de negritude, Césaire foi grande, e inovador, em tudo o que fez (AUBERT, 2016).

numa dialética da construção da diferença do negro, numa sociedade pautada e dominada pelos brancos.

Outra autora que é importante para refletir sobre o racismo e a construção da identidade negra no Brasil é Lélia Gonzalez. Nascida em Belo Horizonte/MG, em 1935, penúltima filha de uma família com 18 filhos, de pai negro e ferroviário e mãe indígena e empregada doméstica. Lélia Gonzalez desafiou o "lugar de negro" – o lugar social estabelecido com base na hierarquização por sexo e raça –, o que lhe reservou experiências como ser confundida com a empregada doméstica em sua própria casa, quando lhe perguntavam: "a patroa está?". Foi fundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e do Colégio Freudiano no Rio de Janeiro, enquanto graduou-se em comunicação no nível de mestrado e iniciou o doutorado em antropologia.

A produção acadêmica de Lélia Gonzalez iniciou-se na década de 1970 com a análise da formação do capitalismo brasileiro com recorte racial, com influência marxista. Lélia Gonzalez participou ativamente do movimento negro, sendo fundadora, por exemplo, do Movimento Negro Unificado[4] (MNU) em 1978. No interior do movimento feminista hegemônico, Lélia Gonzalez percebeu que não se problematizava que a emancipação econômica e social das mulheres brancas foi à custa da exploração das mulheres negras no trabalho doméstico, mal pago e sem direitos trabalhistas ou previdenciários nem se correlacionava a condição social de exploração do trabalho doméstico e a exploração sexual da mulher negra (MAEBA, 2020).

Veremos nesse trabalho que Zózimo e Lélia foram amigos e trabalharam juntos em prol do movimento negro na década de 70 no IPCN[5]. Ela

---

[4] O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. O ato representou um marco referencial histórico na luta contra a discriminação racial no país (MOVIMENTO NEGRO, 2017)

5 IPCN — O Instituto de Pesquisa das Culturas Negras foi fundado em 08 de junho de 1975 por um dos grupos que se reuniam no Teatro Opinião, em Copacabana/RJ. No estatuto do IPCN, constam como objetivos da entidade: 01. Denunciar e combater o racismo representado nas suas mais variadas formas, contra quem quer que seja e em todos os locais onde aconteça este crime de lesa humanidade. 02. Lutar pela igualdade de direitos entre as pessoas, independente do sexo, cor da pele, grupo étnico, credo religioso, classe social e posição política e ideológica ou partidária (BANCO DO BRASIL, 1997).

também participou do filme Abolição[6] (1988). A autora vem nessa dissertação para conceitualizar a importância da mãe de Zózimo em sua vida e afirmar sua luta enquanto mulher negra vivendo no Brasil.

A categoria político-cultural de amefricanidade (1988) aponta certas similaridades na formação histórico-cultural do continente americano, presentes não apenas na língua falada no Brasil, que ela chamou de “pretoguês”, mas também, as músicas, as danças, os sistemas de crenças, que lembram e muito as nossas aqui no Brasil. Similaridades estas encobertas “pelo véu ideológico do branqueamento”, “recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional”, etc”, que minimizam a importância da contribuição negra” (p. 70) nessa região, mais especificamente, no Brasil.

Léila é referência essencial para a reflexão de um pensamento decolonial, assim como o filósofo Achille Mbembe. Nascido na República dos Camarões em 1957, hoje professor de História e de Ciências Políticas do Instituto Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul. A chegada de *Crítica da razão negra* (2014), seu principal título, às livrarias brasileiras, e do ensaio *Necropolítica* (2018), é um alento nesse momento de necessária renovação do nosso pensamento crítico. Outros títulos, como o recente *Políticas da inimizade* ou o seu primeiro trabalho, *na pós-colônia*, podem contribuir ainda mais para a abertura a outras epistemologias. Com Mbembe e seu protagonismo no pensamento pós-colonial, ganhamos em recursos teóricos para pensar as especificidades do racismo brasileiro e o devir-negro no mundo colonizado, cujas fronteiras são cada vez mais poderosas.

Para recortar essa análise decolonial da trajetória de Zózimo Bulbul, é central o debate sobre o racismo estrutural desenvolvido por Sílvio Almeida. Este é diretor-presidente do Instituto Luiz Gama, presidente do IBCCRIM e professor de importantes universidades brasileiras, ativista na luta de combate ao racismo, tendo publicado artigos que abrangem as relações sociais e a desigualdade

[6] Abolição é um documentário de 150 minutos de duração. Foi o primeiro, e até hoje único, longa-metragem realizado por Zózimo Bulbul. A fotografia coube a Miguel Rio Branco e a montagem, a Severino Dadá. Seu objetivo, em nada modesto, como está descrito pelos produtores do filme, é contar a trajetória do ex-excravo num documento único sobre a vida do negro no Brasil da atualidade. Desmistificando, polemizando e surpreendendo a história oficial na ótica do movimento negro, à luz da política, da religiosidade, da sociologia e da própria história contada pelo marginalizado (CARVALHO, 2005, p. 235).

racial, assim como as mudanças que ocorrem nas sociedades quando há crises. O livro ***O que é racismo estrutural?*** provoca a reflexão sobre os conceitos de racismo como fundamento estruturador das relações sociais, com base em autores reconhecidos pelos estudos de teoria crítica racial, colonialismo, imperialismo e capitalismo, motivo pelo qual o livro evidencia a importância de compreensão dos fatos históricos, sociais, políticos, jurídicos e econômicos para se entender a existência do racismo (DE ALMEIDA, 2018).

Essa dissertação foi produzida através do meu acesso ao acervo privado de Zózimo Bulbul, localizado até então no terceiro andar do Centro Afro Carioca de Cinema e analisa sua trajetória a partir de referências decoloniais, que apontam para a construção da personalidade negra e de sua consciência atravessada pelo racismo estrutural das sociedades ocidentais. E vem acima de tudo ressaltar que o racismo é um fenômeno que precisa ser derrubado.

Será dividida em 2 partes. Na primeira, eu falo sobre os atravessamentos de Zózimo com o racismo desde a infância até o rompimento com o Cinema Novo, onde inicia a ideologia do Cinema Negro, o qual o mesmo é lembrado até os dias de hoje. A escrita é produzida atenta as técnicas acadêmicas sugeridas para uma dissertação de mestrado, a qual eu precisei desenvolver ao longo do curso.

Na segunda parte, com base em entrevistas, livros, textos e artigos que abordam a trajetória de Zózimo Bulbul e principalmente o acervo pessoal de Zózimo Bulbul que pesquisei e cataloguei ao longo de 3 anos no Centro Afro Carioca de Cinema, que para além dessa dissertação, está dando vida a um Portal em homenagem ao Zózimo. A escrita da parte 2 traz a junção da minha experiência com a academia, junto a minha experiência de escrita de roteiro. Eu proponho um mergulho na vida de Zózimo, com alguns apontamentos e observações minhas e demais intelectuais e pesquisadores que já falaram sobre Zózimo Bulbul e seu Afrontamento, apontado por mim como forma de leitura as atitudes e enfrentamentos que Zózimo teve com o racismo.

Objetivos da Pesquisa

Objetivo geral:

Analisar a vida e obra de Zózimo Bulbul em diferentes campos artísticos nacionais e internacionais, resgatando seu protagonismo nos demais segmentos artísticos, para além do cinema.

Objetivos específicos:

Apontar as resistências ao racismo imposto pelo grupo dominante branco, com a arte que os negros produziam, tendo em vista o afrontamento de Zózimo Bulbul, abordando fatores econômicos, políticos, jurídicos e sociais.

Reconstruir a história de Zózimo a partir da memória deixada por ele em seu acervo privado.

Valorizar as matrizes de raiz africana que formaram Zózimo Bulbul, pois à partir de imagens, filmes, livros e estudos de trajetórias importantes e pouco reconhecidas, podemos empoderar a auto estima da sociedade negra no país, além da conscientização de outras raças.

Preservar acervo audiovisual do cineasta Zózimo Bulbul, nosso ícone pioneiro, ator, diretor, criador e roteirista negro que desde os anos 60 se tornou referência na valorização deste novo olhar do Cinema Negro Contemporâneo.

Relatar as experiências de luta contra o racismo que o ator viveu em diferentes áreas da vida profissional e pessoal.

Metodologia

O corpus de documentos utilizado é o próprio acervo deixado por Zózimo. Em 2019, iniciei o processo de catalogar o acervo. Para esse feito, organizei 9 caixas identificadas por letra com títulos diversos, subdividido por blocos, como podemos ver a seguir:

PASTA A - ZÓZIMO BULBUL

A pasta **A** se divide em 4 blocos. Do bloco 1 ou 3 contendo informações da Pesquisa e processo do longa metragem Abolição (1988), desde

os documentos que ele reuniu para pesquisa, até o roteiro, projeto e artes do filme. Já o bloca 4, reúne os roteiros escritos por Zózimo, tanto para o Cinema quanto para o Teatro. Incluindo roteiros inéditos, os quais nunca foram produzidos.

BLOCO 1 – ABOLIÇÃO

1 Abolição - Correio Braziliense - 1998

2 Centenário da Abolição - Serviço Público Federal – 1987

3 Projeto 450 Anos Depois - EMBRAFILME – 1980

4 Sinopse Abolição - Manuscrito - Anos 80

5 Sinopse Abolição - Impresso – 1985

6 A Escravidão no Rio de Janeiro - Exposição - Anos 80

BLOCO 2 – ABOLIÇÃO

1 90 Anos Depois - Sinopse Impresso – 1987

2 92 Anos Depois - Argumento – Manuscrito

3 Projeto Abolição – 1979

4 Negro - Material de Pesquisa - Anos 80

5 Projeto 90 Anos Depois - EMBRAFILME – 1979

6 Projeto 110 Anos Depois - Livro – 1998

7 Abolição - Custódio Coimbra – 1990

8 Abolição - Roteiro - Anos 80

BLOCO 3 – ABOLIÇÃO

1 Abolição - EUA - Anos 80

2 IPCN - Circular - Anos 80

3 Latino Film - Autorização NY – 1990

4 Que Han Hecho Del Negro - Salgado Maranhão - Anos 90

5 Email Para Cannes - Indicações 2008

6 Centenário da Abolição - Programação – 1988

7 Cartaz Abolição - Exibição - Anos 80

8 Abolição - Correio Braziliense - 1998

BLOCO 4 - ROTEIROS DE ZÓZIMO BULBUL

1 Pureza Proibida

2 Natal no Rio

3 Otelo de Oliveira
4 O Papel e o Mar
5 O Incubo Ricardo III e o Súcubo Henrique VIII
6 Recordações do Futuro
7 A Canção do Negro Amor
8 Vive Melhor Quem Samba
9 Pequena África
10 Esquadrão de Ouro
11 1994
12 O Tráfico
13 Gênese Africana
14 O Cantor das Multidões
15 Brasileiro, Profissão: Povo
16 Moleque Solano
17 Memorial de Maria Moura
18 Orfeu da Conceição
19 O Menino Silas de Oliveira
20 Integração
21 Negritude

PASTA B – ROTEIROS

A pasta **B** contém Roteiros de filmes e espetáculos os quais tiveram a participação de Zózimo como ator ou diretor.

BLOCO 1
1 Manuscrito
2 Carolina, O Luxo do Lixo
3 O Homem e o Cavalo
4 Duendes da Amazonia
5 Moleque Solano - Zózimo Bulbul
6 Roteiros Sem Título
7 Ele e Ela - Luis Paulino dos Santos
8 Trajetória Negro - Dir. Zózimo
9 Memorial de Maria Moura – 1994

10 Na Trilha da Erva Maldita
11 O Homem Que Sabia Japonês
12 Um Dia - Jeferson De
13 o Talho do Milho - Maria Julieta
14 Encruza - Ponto de Cultura – 2009
15 Paixão de Cristo - Benjamin Santos
16 Negro, Raiz da Liberdade - Pedro Paulo
17 Trajetória Negra - Cleber Sanches
18 A Revolta da Cachaça
19 La Gerre Est La Nature Du Monde
20 Quatro Por Quatro - Cap 77
21 Arroz Com Feijão - Zezé da Silva
22 Concerto Para Violino - Luciano Vidigal
23 Deixa Voar - Cadu Barcelos
24 Acende a Luz - Luciana Bezerra
25 Finte de Renda - Wavá Novais
26 Minuano - José Oliosi
27 O Veneno da Madrugada - Gabriel Garcia
28 Tuti - Ubirajara Fidalgo
29 Marginália - Nicls Peterson
30 Xica da Silva
31 De Zinangora - Léa Garcia
32 Programa - Chico Anysio – 1986
33 A Carmelita - Jair Martins
34 O Olho Amarelo do Tigre
35 Este Perverso Sonho de Igualdade
36 Boneco Infinito
37 Orfeu Negro
38 Funeral da Condição - Dir. Zózimo Bulbul
39 A Morte do Mundo - Zózimo Bulbul - NY 1974
40 Sagarana O Duelo - Paulo Thiago
41 Placebo - Camilo Attie
42 Praça Mauá - Zózimo Bulbul
43 A Partida

44 Elite Club - A Gafieira - Grande Otelo - Dir. Zózimo
45 Vida Apertada

PASTA C - ROTEIROS E TEXTOS

A pasta **C** está dividida em 2 blocos. O bloco 1 com diferentes roteiristas que enviaram seus roteiros ao Zózimo, para análise, pesquisa, ou qualquer outra razão que os levaram a enviar seus trabalhos. O bloco 2 são textos de teatro, revistas, artigos, entre outras temática, também enviados ao Zózimo.

BLOCO 1 - ROTEIROS

1 A Selva - Leonel Vieira
2 Olho na Alma - Jeferson De
3 Auto de Natal
4 Bom Dia, Eternidade
5 A Mulher Que Amou Demais
6 Abrigo Subterrâneo
7 Badu Fica Nu E O Espelho Diz: Crioulo, Você é VIP
8 Preto Que Te Quero Preto
9 Verdadeira Embolada
10 Back Is Beautiful
11 O Fabulário de Kenmyddera
12 O Menino e o Mendigo
13 Adilio, O Craque da Esperança
14 Desabrigo

BLOCO 2 - TEXTOS

1 Sem Título
2 Cartal Jornal do Brasil - Zózimo Bulbul
3 Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC
4 Notícias Angolanas - 1989 - Fundação Cultural Palmares
5 Um Certo Geraldo Pereira - Nelson Sargento
6 Meu Canto Ao Povo
7 Missa dos Quilombos
8 A Liberdade da Mulher é uma Necessidade da Revolução

9 A Cruel Realidade da África do Sul
10 A Revolta de João Candido - Benedito Paulo – 1933
11 Noites Negras - Carmen Luz
12 Getúlio Vargas
13 Uma Comparacion Tematica Y Estructural de Infierno Negro
14 A Roupa Nova do Rei
15 O Rapto das Cebolinhas
16 A Guerrinha de Tróia
17 Canto de Natal
18 A Pele do Diabo
19 A Corda
20 Ah Ah Esperança
21 O Voo dos Passaros Selvagens
22 As 4 Regras Profanas
23 Meu Tio Atahualpa
24 Nem Tudo Está Perdido
25 Os 5 meninos do Imperador

PASTA D - VIDA / CINEMA / PROJETOS

A pasta **D** está dividida em 3 blocos. O bloco 1, Vida. Contendo os fatos mais relevantes da vida de Zózimo Bulbul, incluindo seus manuscritos, lugares que passou e grupos que participou. O bloco 2, Cinema. Com informações de festivais e filmes que Zózimo produziu ou participou. E o bloco 3, Projetos. Reunindo os projetos que Zózimo escreveu, produziu ou participou.

BLOCO 1 - VIDA
1 Livro Abolição
2 Contrato FUNARTE – Getúlio
3 Documentos Zózimo
4 Manuscrito
5 Grupo Bruzundanga
6 A Menina e o Mordomo
7 Vissungo

8 IPCN

9 A Carta de Aniversário - 1980

BLOCO 2 – CINEMA

1 3ª Festival Du Film Caribéen

2 Curriculo

3 Correspondencia Internacional

4 Manuscrito

5 A Deusa Negra

6 Sem Titulo

7 Semaine Du Cinema Bresilien Une Contre Plongee

8 La Hoja Del Festival

9 Filme Orí - Raquel Gerber

10 Festival de Cinema em Londres

11 FESPACO

BLOCO 3 - PROJETOS

1 Museu da Cultura Afro Brasileira

2 Reencontros Cariocas

3 Museu do Carnaval

4 Praça Tiradentes

5 Dalailata

6 Orquestra Tabajara

7 Concerto Força Nativa

8 A Saga de Palmares 300 Anos

9 Nave Louca

10 Buscar Títulos

11 Movimento Ubuntu

12 Um Espaço Para o Negro Agora

13 Malungo

14 Oficinas, Intercambio e Mostras de Cinema

15 Carioca Zona do Porto

16 Manuscrito

PASTA E - O NEGRO – PESQUISA

Uma enorme pesquisa que Zózimo reuniu falando sobre o Negro na África e Diáspora, incluindo um grande material sobre o negro no Brasil.

BLOCO 1

Revoluções
História
Pessoas
Artistas
Manuscrito
Centenário da Abolição
Zumbi
Geografia
Cinema
Frente Negra Brasileira
Quilombo
Carnaval
África
Notas de Jornal
Kizmba
Etc

PASTA F - REVISTAS E AGENDAS
PASTA G - AUDIOVISUAL
PASTA H - ANEXOS E FOTOS
PASTA I - ANEXOS E CARTAS

Pesquisa documental a partir o acervo privado de Zózimo Bulbul. Acervo este, localizado no terceiro andar da instituição Centro Afro Carioca de Cinema. Ao analisar, podemos observar que Zózimo acumula materiais de sua vida e da história do povo negro no país desde os anos 70. Em 2019, eu e Jorge Gonzaga, produtor da instituição, a pedido de Biza Vianna, organizamos todo o material espalhado pela casa, que mostrava uma acumulação selvagem, onde

não contém uma organização por título, tendo tudo misturado sem nenhuma prévia discrição sobre o que se trata.

Após reunirmos todo o material em um só lugar e iniciar a fase de separar Roteiros, Jornais, Cartas, Projetos, Agendas, Manuscritos, Panfletos, dentre outros... Percebi que tudo isso seria de extrema importância na construção dessa dissertação, pois a partir desse acervo, seria mais fácil analisar a trajetória de Zózimo, que nessa dissertação eu contraponho com os teóricos Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Achille Mbembe e Silvio de Almeida, tendo a luta antirracista como principal discussão, em torno da trajetória artística e afrontamento ao racismo de Zózimo Bubul.

Ao considerarmos o arquivo pessoal de Zózimo e seu processo de organização, temos como referência Luciana Heymann. A historiadora e antropóloga fala da importância de procurar entender o motivo da guarda do documento, identificando a intenção acumuladora:

> Abordar os arquivos pessoais sob um olhar antropológico sugere deslocar a atenção dos documentos para os processos de constituição desses acervos. Nessa mirada, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio- históricos mais amplos, de uma parte, e contextos arquivísticos nos quais são preservados, tratados e disponibilizados, de outra (HEYMANN, 2018, p. 70)

O que veremos nessa dissertação, são os documentos preservados por Zózimo em seu acervo, pesquisados e tratados para que sejam disponibilizados para futuras gerações o conhecimento reunido por ele à respeito do negro no Brasil e sua trajetória de vida. Um processo de construção de discursos sobre o passado, construindo um lugar de guarda da informação a ser explorada por aqueles que buscam a verdade dos fatos.

Entender os conjuntos documentos de natureza pessoal como produto de investimentos pessoais ou coletivos, mais do que como produtos “naturais” da trajetória dos indivíduos, pode nos ajudar a desvendar significados e a avançar na tarefa de refletir sobre procedimentos que possam auxiliar no seu

tratamento. Investimentos pessoais, imagem pública e visões de mundo se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos que seus titulares ou seus herdeiros lhes conferem, e fornecem chaves para compreender o arquivo que vão além das tradicionais associações entre trajetória e documentos (HEYMANN, 2018, p. 75).

Em diálogo com essa visão de Heymann, Celso Castro (2005) diz que os documentos não surgem, aqui ou ali, sua presença ou ausência em tais arquivos, biblioteca, deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise.

> Deve-se evitar, portanto, ler uma visão naturalizada a respeito dos documentos nos quais a vida de uma instituição se encontra "objetivada". Naquilo que foi preservado há sempre a intervenção de circunstâncias variadas e de pessoas que fazem seleções e determinam o que é e o que não é relevante guardar. A preservação de documentos é marcada por uma determinada lógica seletiva, que nem sempre é consensual entre os responsáveis pelo acervo. Todo arquivo revela a intencionalidade de quem o produziu e, por outro lado, de quem o organizou e guardou, mesmo quando o arquivo parece ter sido simplesmente deixado "do jeito que eSlava", sem qualquer cuidado (CASTRO, 2005, p.39).

Os responsáveis pelo arquivo têm um considerável poder sobre os documentos que guardam. Como um princípio de método, é preciso que o pesquisador escape à sedutora "concretude" dos arquivos e esteja atento à relatividade da organização atribuída pelo arquivista aos documentos, que não pode ser dada como "natural" (CASTRO, 2005).

Esta dissertação resgata a conceituação tradicional de monumento e de documento. ‘Monumento’ em latim liga-se a ‘fazer’, ‘recordar’, ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’; herança do passado; sinal do passado. É tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação (uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura, ou ainda um monumento funerário). Refere-se ao poder de perpetuação voluntária ou involuntária das sociedades históricas, é um legado à memória coletiva. (VIEIRA, 1999)

Já a palavra ‘documento’ tem originariamente o sentido de ‘prova’, de ‘ensino’. Para a História Positivista, o documento é o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador. Apresenta-se por si mesmo, como prova histórica, que se afirmar necessariamente como documento escrito. Nessa perspectiva, o termo monumento era usado para grandes coleções de documentos. (VIEIRA, 1999, p. 151)

Le Goff (1984) apresenta as mudanças radicais do século XX, que ele chamou de “revolução documental”. Enquanto no positivismo o documento escrito triunfa, com a História Nova ocorre uma revolução na própria concepção de documento, enriquecendo e ampliando seu conteúdo. Essa revolução se amplia nos anos 60 e nesse sentido, Le Goff (1984, p. 98) diz que o historiador começa a “... fazer falar as coisas mudas ...”.

Com a revolução documental, há uma dilatação da memória escrita; é uma revolução quantitativa e qualitativa. Essa ampliação se dá em dois níveis: a nível do documento em si, ou seja, não são considerados apenas os documentos oficiais, diplomáticos, militares, mas uma diversidade de fontes. Outro nível de mudanças é a introdução do computador possibilitando ao historiador trabalhar com uma farta documentação. A relação entre o documento e o conhecimento histórico. Dessa forma, inaugura-se a era da documentação de massa, altera-se o estatuto do documento, valoriza-se a memória coletiva.

A organização do acervo de Zózimo Bulbul e a pesquisa sobre sua trajetória articulam-se aqui numa tentativa de compreender a formar como os documentos estabelecem relações com a memória social de uma personagem e sua trajetória.

Tanto a pesquisa empírica quanto a pesquisa teórica são de extrema validade. No entanto, conhecer bem o objeto de pesquisa e seu dinamismo é de suma importância para definir a metodologia do trabalho.

A pesquisa teórica consiste em uma discussão que se utiliza de fundamentos teóricos para comprovar algum fenômeno. No desenvolvimento de uma investigação, o pesquisador se baseia em livros, artigos acadêmicos (revisão bibliográfica) e documentos (pesquisa documental) para elaborar seu

trabalho. Já na pesquisa empírica, o objetivo é concluir a pesquisa através da prática e de dados atuais e reais. Este modelo de pesquisa tem por finalidade entender as diferentes perspectivas de uma determinada questão que envolve indivíduos, grupos sociais e instituições, além de encontrar novas manifestações globais. A pesquisa empírica é um método que facilita no entendimento de algumas questões de interesse de um pesquisador, bem como contribui para a formulação de hipóteses sobre aquele tema. (Bertin, 2020).

Como base empírica para análise da trajetória do Zózimo Bulbul utilizaremos a referência ao próprio acervo de Zózimo Bulbul, localizado no terceiro andar do Centro Afro Carioca de Cinema, que contém documentos, roteiros, jornais, fotos, cartas, manuscritos, dentre outros materiais extremamente importantes para a construção dessa dissertação. Inclui-se todos os panfletos e cartazes produzidos para o Encontro de Cinema, escritos por todos os profissionais que acompanharam o legado do Cineasta aqui pesquisado, como Biza Vianna, Joelzito Araújo, Janaína Oliveira, Ierê Ferreira, Viviane Ferreira, Mansour Sora Wade, Tom Farias e outros.

Além do acervo documental construído por Zózimo, vamos fazer uso dos manuscritos e das entrevistas de Zózimo Bulbul. A principal referência bibliográfica é o próprio Zózimo, com base no Livro *Zózimo Bulbul Uma Alma Carioca*, lançado em 2014, um ano após sua morte. O livro contém suas memórias contando sua trajetória, desde sua infância até a construção do Centro Afro Carioca e Encontro de Cinema Negro. Outro documento importante é o depoimento de Zózimo Bulbul para o projeto Cem Anos de Abolição em 20 de abril de 1988, no Museu da Imagem e do Som da cidade do Rio de Janeiro (MIS-RJ). Zózimo Bulbul foi entrevistado por Ângela Ness e Ana Beatriz Nascimento.

Parte 1

Nessa parte, abordaremos a trajetória de Zózimo desde sua infância até a sua entrada na Escola de Belas Artes e como ele lutou contra o racismo ao longo dessa trajetória com a referências dos autores Lélia Gonzales, Silvio Almeida, Achille Mbembe e Frantz Fanon. Utilizaremos como método de análise o registro das situações narradas por Zózimo em suas entrevistas, entrecruzando com outros documentos para apresentar a trajetória do artista e militante político. Realizaremos em várias situações uma transcriação da vida narrada por Zózimo parafraseando sua entrevista. A preocupação do capítulo é apresentar a ambiência da vida de Zózimo e refletir sobre o lugar do racismo e da luta antirracista na percepção do mesmo.

1. Zózimo por ele mesmo – infância e juventude

1.1. Infância

No início do livro em homenagem a sua vida, com textos de sua memória publicado em 2014, ano seguinte da morte do cineasta, Zózimo (2014) afirma: “Gosto muito de me lembrar de como foi a minha vida quando criança junto com meus pais em Botafogo”. A referência do tempo de infância é uma habitação coletiva em Botafogo: Zózimo Bulbul, filho de Rita e Sebastião, nasce em setembro de 1937, cresce em uma casa de cômodos, uma casa coletiva. São várias crianças, várias famílias e uma cozinha. As crianças comem antes. É uma mesa enorme e uma farra sempre. Todo mundo alimenta todo mundo. O banho também é coletivo. Existem dois banheiros na casa. Os quartos são individuais, das famílias. Tem um quintal com frutas. (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988)

Rita Maria da Silva é natural de Campos[7] e Sebastião do Rio de Janeiro. Na visão de Zózimo Bulbul, o pai, Sebastião Alves de Brito, é o verdadeiro malandro, aquele que não tem emprego mesmo. Biscateiro. Foge para não servir o exército. Enquanto todos estão indo para a FEB, a famosa guerra na Itália, ele foge para Campos e conhece Rita. Com ela já grávida, a leva para o Rio de Janeiro. Os dois muito jovens. Ela com 16, ele com 20 (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014).

Um dos fatos que marca sua infância, é quando entra no colégio e realiza um sonho aos 7 anos. “Via todo mundo com aquela camisa branca escrita E.P. Escola Pública. Era uma coisa recente também. O Getúlio Vargas tinha montado a Escola Pública” (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 1). A escola é um susto. Queria entrar para escola e quando finalmente consegue, se depara com o racismo. A primeira professora do primário seleciona as crianças brancas na frente, as mulatas no meio e as negras atrás. É o primeiro contato com a realidade de cor que ele tem. É expulso do colégio por causa de um palavrão. A professora o coloca de castigo. Sua mãe, operária, chega em casa e não o vê. Procura nas redondezas e vai no colégio buscá-lo. Ele está de castigo, de joelhos em cima de milhos. Ela dá um esporro na professora e na diretora. Zózimo sente orgulho da mãe e percebe que pode lutar pelo que acredita, ele tem um respaldo. (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988)

Com base nas experiências de Zózimo, ainda quando criança em sua primeira escola, apontamos a seguinte afirmação do autor Silvio Almeida (2018), com a pretensão de analisar o racismo dentro da instituição:

> Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (DE ALMEIDA, 2018, p. 25)

[7] Um município brasileiro no interior do estado do Rio de Janeiro, Região Sudeste do país. Está localizado na região Norte Fluminense do estado.

O autor argumenta que o racismo pode ser definido a partir de três concepções. A individualista, pela qual o racismo se apresenta como uma deficiência patológica, decorrente de preceitos; institucional, pela qual se conferem privilégios e desvantagens a determinados grupos em razão da raça, normalizando estes atos, por meio do poder e da dominação; e estrutural que, diante do modo “normal” com o que o racismo está presente nas relações socias, políticas, jurídicas e econômicas, faz com que a responsabilização individual e institucional por atos racista não extirpem a reprodução da desigualdade racial (BATISTA, 2018).

E assim Zózimo é convidado a viver com o racismo do cotidiano, percebendo que não usufruía dos privilégios que os meninos de pele mais clara recebiam. Pra ele, estava imposto as desvantagens que ele estava prestes a perceber que era normalizada pelas pessoas que possuíam o poder. As muitas percepções de ações que demonstram o quanto os brancos desumanizam os negros na sociedade diariamente. E mesmo as crianças, que estão ali para aprender a conviver em sociedade, não escapavam da atrocidade que é encarar o racismo.

O pai e a mãe de Zózimo já separados por briga. Seus pais não têm escolaridade, são analfabetos. Mas sua vó, mora em Campos (RJ), e nas visitas que realiza a mesma lê e está sempre por dentro de muitas coisas. Conta para o neto histórias entre negros e brancos de Campos. Entre os ex-escravos e os latifundiários. Depois do jantar, Zózimo lembra que ficam em volta do fogão, lugar mais quente da casa, para narrar essas histórias. Sua vó materna tem 9 filhos e paterna 14. Quando as famílias se reúnem, tem gente que não acaba mais. O samba no quintal flui, um samba meio caxambu[8], que marca a musicalidade da vida de Zózimo (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 2).

Assim podemos observar, como de costume nas famílias de origem africana, a presença do griot[9] na figura da vó de Zózimo. Que sem dúvidas, foi

8 É o batuque de negros do Estado de Minas Gerais. Assim como o batuque, é acompanhado de cânticos, constituídos, em sua maioria, de versos emparelhados, que uma pessoa canta e outra responde. Em Alguns lugares, recebe o nome de Jongo (ORITMO, 2013).

9 Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos Griots, que na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais

uma das pessoas responsáveis a despertar a curiosidade do neto para a cultura afro-brasileira. Vemos também a difusão dessa cultura em festejo na residência. Tendo ele a vivência musical com ritmos também de origem africana difundidos no Brasil pelos escravos que vieram trabalhar no país.

Rita sustenta os 2 filhos. Ela vê em Sebastião um verdadeiro malandro carioca. Ele quer mais filhos e a incompatibilidade começa porque ela não quer mais filhos. Ele quer que ela seja uma senhora que fique em casa, mas ela vai à luta trabalhar e o coloca para fora de casa. (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 4)

Entretanto, considerando a importância de Rita na vida de Zózimo e sua luta e sobrevivência enquanto mulher negra em um país racista, vejamos a opinião de Lélia Gonzalez (1988) sobre o papel social das mulheres negras:

> Como sabemos, nas sociedades africanas, em sua maioria, desde a antiguidade até a chegada dos islames e dos europeus judaico-cristãos, o lugar da mulher não era de subordinação, o da discriminação. Do Egito antigo aos reinos dos ashanti ou dos yorubá, as mulheres desempenharam papéis sociais tão importantes quanto os homens (GONZALEZ, A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social, 1988, p. 2)

Segundo Lélia Gonzalez, a opressão racial e a social fazem da mulher negra “o foco, por excelência, de sua perversão” e “esquecer isso é negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista, graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral” (CARDOSO, 2014).

Rita foi sem dúvidas a primeira grande heroína de Zózimo. Uma mulher negra no processo de transformação social, desempenhando um papel social tão importante quanto aos homens. Vai ser nela que ele vai buscar confiança para seguir sem medo sua trajetória. Essa por sua vez, foi guerreira e não se dobrou ao machismo do marido. Foi a luta e criou seus filhos. Trabalhou

---

entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo hoje em dia a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos (PEREIRA, 2019).

como operária e sempre que podia, se divertia na Gafieira, uma de suas grandes paixões, tendo dado a ela prêmios de melhor dançarina.

Na escola, Zózimo Bulbul passou por diferentes colégios, sendo expulso de alguns em função do racismo. Ele deu continuidade aos estudos em função dos esforços da mãe. Ele chegou a estudar em um semi-interno em um colégio na Tijuca. Sai nos fins de semana. A estrutura é uma casa de dois andares com quintal atrás, várias crianças negras e pobres internadas. Rita consegue o matricular. Eles comem mal, a comida é miserável. Tem que comer nas horas programadas, se não comer, não come mais. Tem um dispensário com batata, doces, arroz, feijão, tudo ali dentro. Ele entra em uma turma para destelhar esse depósito e passam a entrar toda noite e roubar coisas para comer, para sobreviver. Em uma dessas, eles são flagrados e dá um pânico. Chega sua mãe outra vez. Mas não é solidária com ele, fica zangada. Os “ladrões de comidas” dentro do educandário. Fica uma coisa muito marcada ali, parece que são cancerosos (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 5). Apesar das situações de indisciplina, Zózimo Bulbul é um dos melhores alunos da turma. No fim do ano, as professoras têm que chamar e dar o papelzinho de melhor aluno para Zózimo. Desde o segundo ano do primário, ele é o primeiro ou segundo aluno da turma. (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988)

Num dos atos de resistência no internato da Tijuca, Zózimo entra numa turma que planeja fugir. À noite, perto da cama dele, armam uma tática de fugir e ninguém foge. Isso irrita Zózimo. Ele quer provar a si que pode ser livre do grupo. Foge. Não sabe para onde. Zózimo bate na casa da mãe, ela dá uma surra nele e o leva de volta para o colégio. A situação piora. Ele se sente um leproso. Seus amigos não podem falar com ele, não podem chegar perto. Ele é o demônio. É expulso e vai para o SAM Serviço de Assistência ao Menor[10]. Sua mãe o deixa de castigo uns quinze dias no SAM em São Cristóvão. Tem piscina,

[10] Serviço de Assistência ao Menor – SAM. Tratava-se de um órgão do Ministério da Justiça e que funcionava como um equivalente do sistema Penitenciário para a população menor de idade. Sua orientação era correcional-repressiva. O sistema previa atendimento diferente para o adolescente autor de ato infracional e para o menor carente e abandonado (SILVA R. T., 2016).

dois campos de futebol. Ele quer estudar e ter um espaço para correr, viver. Sua mãe chega pedindo o desligamento. É uma luta.

Ele diz que não quer sair de lá. Quando ele chega no SAM, ele olha que só tem pretos. Tem poucos brancos. Ele se integra. São filhos de mães solteiras, pais que largam seus filhos. Pessoas carentes recebendo esmola do Estado, a única coisa que tem para eles:

> "Foi uma coisa muita instintiva, eu aceitei. Eu preferia ficar em uma escola que tivesse todo aquele espaço com a minha comunidade presente, do que ficar brigando com esses coleguinhas, com os professores. Dentro do SAM, os professores eram muito despreparados, mas nós começamos a fazer um tipo de jogo com eles. Era juntar grupos que queriam estudar e ultrapassar o tal currículo, porque a gente estava internado. Não tinha nada para fazer. Tinha o tempo de estudar de manhã, tinha a oficina à tarde e de noite ficava ali. Essas coisas até a hora de dormir. A gente ia para a biblioteca. Os livros idiotas de qualquer biblioteca de colégio, principalmente de colégio público. A gente ficava estudando. Tinha um grupo, variava entre dez, quinze, e toda noite a gente ia ler. No dia seguinte a gente forçava o professor, porque já estávamos mais adiantados do que ele estava imaginando. A gente ficava inventando currículo de trabalho, de estudo. Já discutíamos coisas que estavam acima da cabeça dele (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, &FERREIRA, 2014, p. 6)".

As situações descritas na escola remetem ao racismo no Brasil. O mito da democracia racial é fortemente difundido no país, pois serve de argumento para apontar as políticas de combate ao racismo como desnecessárias, com habituais alegações de que todas as pessoas possuem as mesmas oportunidades. O tema central da obra *Crítica da Razão Negra* de Achille Mbembe é a de que o africano só se tornou "negro", depois que o europeu assim o nomeou. Antes disso, ele era apenas ele mesmo. Sem nenhum adjetivo que o estigmatizasse. Ao nomear o Outro, estabeleceu imediatamente que as diferenças eram mais importantes do que as semelhanças. Tão incontornáveis que podia-se coisificar este estranho, sem ferir nenhuma lei ou moral, tendo em vista que estas só são aplicáveis aos iguais. A invenção da raça gerou o medo inconsciente do Outro, que deve ser controlado, evitado, submetido. E a África se tornaria um não mundo, a ausência da civilização. (MBEMBE, 2014).

Silvio Almeida (2018, p. 152) afirma que:

> “O fato de parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como ‘piadas’, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça em geral resistam em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racionalmente neutros”.

Achille Mbembe (2014, pp. 66-67), fazendo referência a Foucault, afirmou que racismo e raça são conceitos definidos pelo Estado, de tal forma que ele sempre utilizará tais definições para manter a normalização dos crimes por ele praticados. Justificam-se as práticas de violência com base no ordenamento jurídico elaborado pelo e para o Estado.

Assim vemos que as pessoas que fazem as leis e controlam as instituições e posições de poder são as pessoas da classe dominante, os brancos. O racismo é sempre escondido por debaixo de panos quentes, pois os racistas fazem parte do grupo dominante, daqueles que ditam as leis. Apontar que a criança negra roubou a comida, só reforça o estereótipo dado aos negros de marginalização. Nem mesmo as crianças estão salvas desse labirinto racista imposto pela sociedade.

Vemos que mesmo com toda a situação de inferiorização, Zózimo sempre resistiu a todos os embates ocasionados pelo sistema que sempre tentou derrubá-lo. Ele sempre foi muito inteligente e isso perturbava os professores que mesmo preferindo as crianças brancas, eram obrigados a reconhecer que ele era o melhor.

Estado e capitalismo estão estruturalmente relacionados, pois as formas sociais de mercado, propriedade privada, dinheiro, finanças, liberdade e igualdade são moldadas para garantir o controle da sociedade nas mãos do grupo dominante. Outra questão colocada pelo autor é o nacionalismo, que identifica as pessoas como sendo pertencentes a um mesmo povo, no interior do território e sob poder de soberania. Todavia, alguns costumes e culturas devem ser excluídos “em favor da nação”, o que pode fazer com que o Estado,

ou grupos sociais autorizados por este, realize violência direta contra aqueles que não se conformaram as normas de condutas definidas (BATISTA, 2018).

Silvio Almeida (2018) relaciona racismo e política, apontando que as definições de organização política da sociedade são realizadas pelo Estado. Porém, o Estado não é uma pessoa, mas um sistema que define as práticas sociais em favor do grupo dominante, o que o faz reproduzir o racismo. Zózimo coloca isso muito bem quando diz que fica com o que sobra, pois os negros não são vistos como prioridade no sistema de educação. Ainda assim, ele cria formas de se reinventar e continuar sua trajetória que nem mesmo ele naquela época, tinha consciência de que seria brilhante.

1.2. Juventude

Após se formar em técnico em contabilidade no SAM, Zózimo volta a morar com a mãe. Não é a mesma casa de cômodos. A casa tem um andar só, menos famílias. Quando tem ligação com seus primos que moram na favela, ele sente que eles não têm outra opção. Eles não estudam. Eles têm que trabalhar. Começam a trabalhar com 7, 8, 10 anos. É mais uma boca dentro de casa. Tem que sair a luta. Ele acha que é privilegiado, mas a primeira vez que ele sai realmente em busca de trabalho é duro. Ele bota um terninho, pega o jornal e sai para procurar trabalho. Na cabeça dele, trabalho é auxiliar de escritório, boy ou alguma coisa assim. É difícil. Isso marca muito. A busca pelo primeiro trabalho. As vagas vêm descritas ser necessário ter boa aparência. O resultado nunca aparece. Volta lá pra saber e nunca ninguém mostra. Ninguém o procura para o emprego. O escritório de seus sonhos não acontece. Vai junto com outros amigos trabalhar em uma obra na São Clemente. Há o problema do horário, a marmita, uma disciplina rígida de operário. Ele faz o acabamento, os caras pintam e ele atrás fazendo o arremate. Isso até ele se alistar para o Exército. Está morando em Botafogo. O Exército o manda para São Cristóvão. Não consegue ficar em São Cristóvão. Tem uma briga com o comandante. Diz que mora em Botafogo, como ele vai servir em São Cristóvão? Não comparece na época que tem que comparecer. Passam 6 meses e vai ao Forte de Copacabana, perto de sua casa. Ele começa a servir lá. No Forte é a elite, só

serve a turma da zona sul. No alistamento, ele coloca Rua Dezenove de Fevereiro, 100. Eles acham que ele é empregado dessa casa, ou sua mãe (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 6).

Achille Mbembe (2014) diz:

> "Ninguém - nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome - desejaria ser um NEGRO ou, na prática, ser tratado como tal. Além do mais, há sempre um negro, um judeu, um chinês, um mongol, um ariano no delírio, pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças. Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológica, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos procedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas" (MBEMBE, 2014, p. 11).

Negro seria um exemplo total do "ser-outro", um símbolo de inferioridade que, de acordo com o ideal colonialista, devia ser ajudado e protegido. A África[11], da mesma forma, representaria um "não-lugar", signo de atraso, de ausência de civilização e sem nenhuma contribuição à humanidade. Na visão eurocêntrica do colonizador, todas as contribuições africanas, sua obra e conhecimento, assim como a luta de seus povos na diáspora e sua contribuição para o desenvolvimento histórico das Américas, por exemplo, foram não só desconsideradas, mas absolutamente desconstruídas, ocultadas ou simplesmente apagadas. Somente quando a Europa deixou de ser o centro da civilização e da produção do saber é que se pôde formatar um pensamento crítico em torno do negro.

[11] África é um dos seis continentes do mundo, sendo o terceiro maior em extensão territorial. O território estende-se por mais de 30 milhões de km2, ocupando, aproximadamente, 20% da área continental da Terra. No continente vivem mais de um bilhão de habitantes, fazendo dele o segundo mais populoso entre os demais. A África é conhecida pela sua pluralidade étnica e cultural, e, por meio de uma história milenar, é capaz de contar a história de toda a humanidade. Apesar da enorme riqueza do continente, muitos países africanos apresentam baixos índices de desenvolvimento, com diversos problemas sociais, como a miséria, baixa qualidade de vida, subnutrição e o analfabetismo (SOUZA, 2020).

Tendo a cor da noite, não foi difícil associar o negro à escuridão, às sombras e à invisibilidade. Na lógica colonialista, só existe um negro se houver um senhor. Essa relação senhor/escravo impõe ao negro um modo de se ver e de ser visto: negro é aquele que ninguém desejaria ser, um sinônimo de subalternidade, uma maldição. O desafio de se reconstruir uma identidade negra passa necessariamente pela superação do ideário escravista. Mbembe aponta para um futuro livre do peso da "raça" e, por conseguinte, do ressentimento, mas isso só seria possível por meio da justiça, da restituição e da reparação.

No Exército, essa experiência do racismo na formação de sua identidade negra ganha conotações expressivas, Zózimo serve no Forte de Copacabana. Na bateria para a qual é selecionado há um grupo também elitizado. Ele cai nesse grupo e é o único negro. Há só garotos, alguns com chofer que levam almoço e vai buscá-los à tarde. Zózimo tem 20 anos e abre o curso para cabo. Na bateria dele ninguém quer fazer o curso, então ele resolve fazer. Primeiro por causa do dinheiro, o primeiro salário que ele teria. Faz e passa em primeiro lugar. São 80, mas o comandante durante a arguição o escolhe dentre oitenta sentados na sala. Na finalização do curso olha para todo mundo e diz: "Vem cá!". Zózimo é o escolhido. Faz algumas perguntas e ele se sai bem em todas as perguntas. Dá um nó na cabeça do comandante. Ele diz a Zózimo: "Você é esperto, hein neguinho". Dá 10 pra ele. Quando Zózimo vê a nota, é o primeiro colocado no curso de cabo. Ganha apelido. Gasolina. Não briga. Deixa logo pra não criar problemas. Quando fica no Forte de Copacabana tira serviço no Arpoador. Durante o final de semana ele gosta de ficar no quartel. Os garotos ricos pagam para quem quiser ficar sábado e domingo. Ele topa o negócio. O importante pra ele é a sexta-feira. Do quartel ele vai dançar. Frequenta o baixo meretrício[12]. Fica lá até o fim da madrugada. Depois passa

[12] A famosa Via Mimosa, na época, também era conhecida como "zona do baixo meretrício". Com certeza, é a zona de meretrício mais conhecida do Brasil. Depois de escapar da suposta desapropriação, prevista para dar passagem ao quimérico trem-bala. A Rua Ceará, principal acesso à Vila Mimosa, era um beco interrompido por um ramal de trem, o que fazia da zona um tipo de ilha da luxúria, onde somente náufragos desembarcavam. Em 2014, com a abertura da via permitindo a circulação de carros a São Cristóvão, deixou de ser ilha, virou ponto de passagem e escape do trânsito oriundo do Centro da Cidade. Houve a expectativa de que, aberta ao fluxo de veículos, a Rua Ceará traria ainda mais lucro ao comércio dos arredores. Não levaram em conta que a Vila Mimosa se tornou indiscreta. No mesmo ano, com a proximidade da Copa do Mundo no Brasil, foi esboçado um projeto de revitalização da zona que contemplava a Cidade das Meninas e o Museu do Sexo, uma proposta da AMOCAVIM (Associação de moradores do condomínio e amigos da Vila Mimosa). A inciativa buscava aporte de 4 milhões, orçamento que faria do sonho uma realidade

em casa, toma banho, coloca a farda e vai para o quartel no sábado (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 6).

Depois do Exército volta a procurar emprego. Já tinha feito um curso de contabilidade. Começa a trabalhar no Iate Clube do Rio de Janeiro como pintor de barco. Depois do curso técnico de contabilidade, sua mãe espera que ele seja contador, mas ele quer estudar arte. Um dia chega em casa e diz que passou no vestibular. Vai fazer Artes. Sua mãe diz que ele está maluco (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 7).

Enquanto construção social, negro é um conceito que designa a imagem de uma existência subalterna e de uma humanidade castrada. Essa percepção econômica da questão racial tem início na fase mercantilista do capitalismo (quando o negro é transformado em mercadoria). O termo “negro” foi inventado para significar exclusão e em momento algum esteve dissociado da categoria de escravo. Para Mbembe, observando o enquadramento histórico, percebe-se que os conceitos foram fundidos. Nas palavras do autor, “Negro” é aquele que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Essa invisibilidade está no cerne do racismo, que, além de negar a humanidade do outro, se desenvolve como modelo legitimador da opressão e da exploração. Mais do que isso, exercício máximo do biopoder, o racismo representa a escolha de quem deve ser eliminado, numa morte que pode ser tanto física quanto política ou simbólica.

> A espoliação organizada quando, em proveito do tráfico atlântico (século xv ao XIX), homens e mulheres originários de África foram transformados em homens-objecto, homens- mercadoria e homens-moeda. Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, que se puseram hostilmente a seu cargo, deixando assim de ter nome ou língua própria. Apesar de a sua vida e o seu trabalho serem a partir de então a vida e o trabalho dos outros, com quem estavam condenados a viver, mas com quem era interdito ter relações co-humanas, eles não deixariam de ser sujeitos activos. Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, hoje, a tragédia da multidão é não poder já ser explorada de todo, é ser objecto de humilhação numa humanidade supérflua, entregue ao abandono, que já nem é útil ao funcionamento do capital (MBEMBE, 2014, p. 12).

---

surpreendente. A reforma substituiria os contornos insalubres do local por traços inspirados na obra de Niemeyer. Nada aconteceu (COSLEI, 2018)

Zózimo passa pela juventude com mais precisão de entendimento do que é o racismo. Sente na pele seus sonhos se desmoronando em função da cor de sua pele. Entende desde ali que nada será fácil para ele e que será necessário lutar e correr atrás de justiça e igualdade.

1.3. Belas Arte

Com 22 anos de idade, Zózimo Bulbul entra na escola de Belas Artes localizada na Avenida Rio Branco. É uma escola de participação política muito forte. Está no terceiro ano de Belas Artes. Pergunta ao professor sobre arte africana e briga com o professor após ele responder que só existe artesanato na África.

> Quando eu perguntei da África ele disse que a África não tinha cultura. Aí eu tive um bate-boca com o professor, não me lembro o nome dele hoje. Foi a ponto de chegar à agressão física, eu joguei a prancheta em cima dele, porque ele veio para cima de mim e discutimos verbalmente. (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988)

O professor resolve fazer um documento para expulsá-lo da escola. Aqui pode-se ver como a universidade no Brasil constitui-se como racista:

> Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. [...] o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a 'superioridade' branca ocidental à 'inferioridade' negroafricana. A África é o continente 'obscuro', sem uma história própria (Hegel); por isso, a Razão é branca, enquanto a Emoção é negra. Assim, dada a sua 'natureza sub- humana', a exploração sócio-econômica dos amefricanos por

> todo o continente, é considerada 'natural' (GONZALEZ, A categoria político-cultural de amefricanidade, 1988, p. 77).

Criticando a ciência moderna como padrão exclusivo para a produção do conhecimento, Lélia Gonzales vê a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população, uma vez que o modelo valorizado e universal é branco. Disto decorre que a explicação epistemológica eurocêntrica conferiu ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do conhecimento válido, estruturando-o como dominante, e inviabilizando, assim, outras experiências do conhecimento. Segundo a autora, o racismo se constituiu "como a 'ciência' da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação.

Podemos observar o quanto o racismo se estruturava na Escola de Belas Artes nos anos 60. Os professores sequer tinham conhecimento do que representava a Arte na África e sua influência no Brasil para a cultura nacional. Lélia Gonzalez nos aponta em seu trecho o racismo institucional, retratando o quanto o colonizador branco tem a necessidade de se auto afirmar e desumanizar a raça negra.

Zózimo passa na frente dele, vai na direção da escola e fala que o professor é um racista. O pessoal da escola fala: - Não, tudo bem, quando ele chegar aqui já sabemos o que aconteceu com vocês dois. E ele diz: "Mas eu vou procurar meus direitos". Ele vai na UNE[13]. Lá estão o Vianinha[14], Armando

[13] A UNE – União Nacional dos Estudantes é a entidade máxima dos estudantes brasileiros e representa cerca de seis milhões de universitários de todos os 26 Estados e do Distrito Federal. A universidade é um ambiente onde a juventude brasileira tradicionalmente se organiza em torno de visões, opiniões e vontades comuns. Movimento estudantil é o nome dessa atividade que envolve tanto a organização de uma festa como a participação numa passeata, a criação de uma empresa júnior ou a representação política para debater o país (UNE, 2000).

[14] Oduvaldo Vianna Filho (Rio de Janeiro RJ 1936 - idem 1974). Autor e ator. Participante ativo do Teatro de Arena, fundador do Centro Popular de Cultura da UNE e do Grupo Opinião, Oduvaldo Vianna Filho personifica a trajetória de uma luta contra o imperialismo cultural. Sua dramaturgia coloca em cena a realidade brasileira através do homem simples e trabalhador, sendo unanimemente considerada a mais profícua de sua geração (ITAÚ, 2014).

Costa[15], Leon Hirszman[16], Arnaldo Jabor[17], Cacá Diegues[18], todos discutindo cinema, tomando cerveja e discutindo cinema. Ele pensa, é aqui que eu quero ficar, encontrei meu lugar. E os caras falam: - Senta aí, fica aí, você pode vir amanhã? Ele responde: Posso sim. Amanhã, depois de amanhã. E já fica naquele local discutindo cinema. Em conversa com os novos amigos, ele descobre que vai abrir um curso, um dos primeiros cursos de cinema no Museu de Arte Moderna com o Sucksdorff (Arne Secksforff, cineasta sueco, que desembarca no Rio de Janeiro a convite da Unesco a partir de um convênio com o governo brasileiro para ministrar os Seminários de Cinema). Zózimo não pode pagar por que a mensalidade é muito cara, mas consegue uma bolsa com José Sanz, diretor da Cinemateca do MAM[19]. Faz o curso que forma a geração do

[15] Armando Costa (Rio de Janeiro RJ 1933 - idem 1984). Autor, diretor e animador. Marca a linha do Grupo Opinião não apenas como co-autor de alguns de seus espetáculos mais importantes, mas também por sua atuação no teatro de resistência, que exerce por meio da coerência ideológica e da crítica em defesa dos interesses populares (ITAÚ, 2014).

[16] Leon Hirszman (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1937 – Idem, 1987). Diretor, produtor, roteirista. Filho de imigrantes judeus poloneses. Aos 14 anos, por influência do pai, entra para o Partido Comunista. Em 1956, ingressa na Escola Nacional de Engenharia, onde funda seu primeiro cineclube. Conclui os estudos, mas não exerce a profissão. Tem o primeiro contato com a realização cinematográfica como assistente na filmagem de Rio Zona Norte (1957), de Nelson Pereira dos Santos (1928). Em 1958, com o cineasta Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), funda a Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro e, mais tarde, o movimento Cinema Novo (ITAÚ, 2014).

[17] Arnaldo Jabor (Rio de Janeiro RJ 1940). Cronista, roteirista e cineasta. Estuda no Colégio Santo Inácio e mais tarde cursa direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ. Começa a escrever, em 1962, para O Metropolitano, periódico ligado ao movimento estudantil. Trabalha como assistente dos cineastas Cacá Diegues (1940), Leon Hirszman (1937 - 1987) e Paulo César Saraceni (1933). Em 1964, ano do golpe militar, faz o curso de cinema do Itamaraty-Unesco. Dirige os documentários O Circo, de 1965, e Opinião Pública, de 1967. Três anos depois filma seu primeiro longa-metragem de ficção, Pindorama. Entre seus principais filmes estão Toda Nudez Será Castigada, de 1973, premiado no Festival de Gramado e de Berlim, e Eu Sei que Vou Te Amar, de 1984. Por causa dos desacertos da política econômica do governo de Fernando Collor de Mello, 1990-1992, deixa o cinema em 1991 e passa a assinar uma coluna semanal para o jornal Folha de S.Paulo. Lança, em 1993, o livro Os Canibais Estão na Sala de Jantar, e, em 1994, Brasil na Cabeça, ambos com crônicas publicadas no jornal. Em 1995 estréia como cronista do jornal O Globo e logo se torna comentarista de telejornais da Rede Globo de Televisão, como o Jornal Nacional e Bom Dia Brasil (ITAÚ, 2014).

[18] Carlos José Fontes Diegues (Maceió, Alagoas, 1940). Diretor de cinema, ensaísta, roteirista e produtor. Filho do antropólogo Manuel Diégues Júnior (1912-1991), muda-se em 1946 para o Rio de Janeiro, onde estuda em colégios de orientação jesuíta. Entre 1959 e 1960, nos quadros da política estudantil da Pontifícia Universidade Católica (PUC/Rio), funda um cineclube e assume a redação do jornal O Metropolitano. Este periódico, órgão oficial da União Metropolitana de Estudantes (UME), e o grupo da universidade constituem um dos núcleos de origem do cinema novo. Junta-se, em 1961 ao Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC), para o qual realiza no ano seguinte Escola de Samba Alegria de Viver, um dos episódios de Cinco Vezes Favela (ITAÚ, 2014).

[19] O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), criado em 1948, é dedicado à vanguarda e ao experimentalismo. O MAM Rio abrigou parte considerável dos movimentos artísticos brasileiros, como o Grupo Frente (1954), o Neoconcretismo (1959), a Nova Objetividade Brasileira (1967), o Cinema Novo (anos 1960), o Cinema Marginal (anos 1970), o curta-metragismo e o documentarismo independentes (anos 1970-1980) e o Cinema Experimental Contemporâneo (anos 2000) (MAM, 2020).

Cinema Novo e entra no CPC[20] da UNE (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 15).

[20] O Centro Popular de Cultura - CPC é criado em 1961, no Rio de Janeiro, ligado à União Nacional de Estudantes - UNE, e reúne artistas de distintas procedências: teatro, música, cinema, literatura, artes plásticas etc. O eixo do projeto do CPC se define pela tentativa de construção de uma "cultura nacional, popular e democrática", por meio da conscientização das classes populares (ITAÚ, 2014).

1.4. Cinema Novo – Aproximação e Ruptura

O Cinema Novo emergiu como movimento cultural no início dos anos 1960. Foi parte do quadro social e político que marcou o nacional - populismo[21] desde meados da década de 50 e, mais especificamente, o período janguista (1961-1964). Suas origens estiveram ligadas ideologicamente às estruturas do nacional - populismo. As instituições que congregavam os intelectuais nos anos 50 e 60 foram fundamentais na configuração do movimento. Elas funcionaram como centros propagadores do ideário nacionalista e deram as diretrizes teóricas sobre as quais os artistas elaboraram suas formulações. As principais foram o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o Centro Popular de Cultura (CPC) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) (CARVALHO, 2005, p. 108).

Tal como posto pelo texto, o Cinema Novo inaugura um tratamento cinematográfico no que diz respeito à representação do negro. Nele evitam-se a indiferença e o exotismo. O texto chama a atenção para a diferença entre o filme negro, o filme indiferente à questão racial e o filme racista. Este último corresponde, segundo Neves, à tradição advinda da Vera Cruz. A passagem a seguir chega a manifestar certa xenofobia característica do nacionalismo radical que animou o grupo nos seus primeiros dias (CARVALHO, 2005, p. 119).

David Neves acredita que os filmes do Cinema Novo são anti-racistas pelas seguintes razões: 1) não representam o negro como fizeram os filmes até aquele momento; e 2) produzem uma identificação entre o realizador (branco) e os personagens negros, sem que a cor faça qualquer diferença. Para desenvolver esse segundo argumento, parte do exemplo de Barravento (1962) para mostrar como o personagem Firmino (negro) é o porta-voz do cineasta (branco). Chama a atenção ainda para a identificação do público com um personagem negro: “Outro dado importante a ser notado é o fato de ter o elemento escolhido para porta-voz sido um elemento de cor e o complexo

[21] O populismo surgiu como uma política voltada para as massas urbanas, constituídas, fundamentalmente, por setores médios em ascensão e pelo proletariado recém-egresso da área rural. Estes foram, via de regra, os alvos das promessas, discursos e ações dos líderes populistas (CARVALHO, 2005, p. 17)

processo afetivo de identificação do público (das metrópoles, sobretudo) ter de funcionar relativamente ao destino de um líder negro" (NEVES, 1968, p. 77).

Os choques estéticos protagonizados pelo cinema novistas são inquestionáveis, dentre eles destaca-se o fato de ter sido o movimento que garantiu o marco de corpos negros e expressões culturais negras sendo levados às telas do cinema como representantes legítimos da cultura popular nacional. Dando respaldo a compreensão de que o Cinema Novo aglutina muitas obras com "conteúdo negro", ou seja, conteúdos extraídos da cultura afro-brasileira. O que não nos permite confundir o cinema de conteúdo negro, com o movimento cinematográfico intitulado de "Cinema Negro". Dirimindo assim, a principal tensão ou compreensão equivocada de que o "Cinema Novo" tenha sido "Cinema Negro". (Ferreira, 2016)

Os "bem-nascidos" do Cinema Novo, na imersão artística exploratória da "fome", tiveram a sua disposição os "famintos" para serem porta-voz dos seus discursos e anseios, permitindo que na década de 70 ícones como: Zózimo Bulbul, Antônio Pitanga e Waldir Onofre, que atuaram em muitos filmes cinema novistas, subvertessem a ordem e arriscassem a linguagem cinematográfica como uma possibilidade de expressão de suas existências raciais (Ferreira, 2016)

Com isso, vemos que o Cinema Novo é um movimento cinematográfico formado por jovens brancos burgueses, com referência em movimentos cinematográficos internacionais da época com o Neorrealismo[22] na Itália e o Nouvelle Vague[23] na França. Independente das razões citadas em ser

[22] O neorrealismo é uma forma de, em um momento de pós-guerra, de ruína da Itália, de total miséria (squalore), dizer "ainda podemos fazer algo", "em meio ao que parece nada, em meio a uma cidade quebrada pela guerra, os homens ainda produzem e sobrevivem". O movimento era então, uma tentativa de democratização do artesanato do filme. O movimento surgiu na Itália com o fim da Segunda Guerra Mundial. Em um país que estava ainda caótico e se recuperando após o longo governo fascista (1922 – 1945). Com o final da guerra, houve uma mudança econômica e social na população, com grande parcela do povo passando necessidades e desempregada. Anteriormente os filmes focavam mais em questões moralistas e com histórias romanceadas que mostravam uma falsa imagem da sociedade (LEAL, 2015).

[23] Foi uma nova estética de cinema criada na França, em 1958, como reação contrária às superproduções hollywoodianas da época, encomendadas pelos grandes estúdios. A contraproposta eram filmes mais pessoais e baratos – o chamado "cinema de autor". Seus principais representantes eram jovens críticos, reunidos ou inspirados pela revista Cahiers du cinéma ("cadernos de cinema"), criada pelo teórico André Bazin e considerada a bíblia da crítica à sétima arte. Depois de muito resenharem filmes alheios, eles arregaçaram as mangas e fizeram os seus. Em comum, tinham o desejo por autonomia criativa, mas cada um retratou suas próprias questões pessoais e cotidianas (SANT'ANA, 2018).

um cinema antirracista, não podemos desconsiderar o fato de continuar sendo olhares brancos estereotipando negros, sem que o negro seja autor de sua própria história. Anos mais tarde, vemos como o movimento fica cada vez mais burguês com produções de filme como Garota de Ipanema (1967), em que vemos os burgueses protagonizando a história depois dos integrantes serem vendidos ao capitalismo. E é por essa razão que Zózimo sente a urgência de criar um cinema em que a representatividade esteja presente desde a criação da narrativa e produção, até os atores e técnicos.

Em suas entrevistas Zózimo narra um processo de engajamento no Cinema Novo e a forma como vai construir a crítica ao mesmo. Esse engajamento tem início com Adolfo Celi faz uma palestra. Ele tinha acabado de fazer um filme na Vera Cruz, em São Paulo, vem falar da experiência dele no Brasil como cineasta. Numa conversa, Adolfo Celi vira pra Zózimo e fala: “Você não quer fazer um curso de ator?” Zózimo diz: “Não sei, eu sou muito tímido, isso nunca passou pela minha cabeça”. E ele: “Tenta, eu vou dar um curso no tablado e você aparece lá”. Zózimo: “Mas eu não tenho dinheiro pra pagar”. E ele responde: “Vai ao tablado e me procura”. Zózimo inicia o curso com Adolfo Celi. Esse curso o marca muito.

Adolfo não deixa ninguém atuar em outras companhias e espetáculos. O curso dele é muito especializado e fechado. Zózimo não conta para Celi que faz teatro volante na CPC da UNE, teatro na Praça Quinze e na Praça São Francisco (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 15). Nesse engajamento no movimento estudantil, Carlos Lacerda colocava a cavalaria em cima deles onde representam em cima do caminhão, uma peça rápida que eles fazem para conscientização do povo. Eles são espertos. Só alguns saem correndo. Quando a cavalaria vai para cima deles, eles jogam rolhas e os cavalos despencam. O teatro volante que eles fazem é sempre voltado para o problema do operário, que é a maioria negra. As peças são rápidas, didáticas, objetivas. Não tem nada de intelectualismo. O negócio é fazer rápido, antes que a polícia do Lacerda chegar (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 16).

Considerando que em algum momento da sua vida enquanto ator Zózimo Bulbul passou a se chamar Zózimo Bulbul, nessa parte da história em que Zózimo inicia sua profissionalização no teatro, é um período significante para que essa troca seja estabelecida. A primeira vez que Zózimo vota para Presidente da República é conscientemente em Jânio Quadros[24] que fala da liberdade dos estudantes. O CPC da UNE é para Zózimo uma coisa fantástica. O grupo tem a ideia de construir um teatro na Praia do Flamengo. Começam a pegar dinheiro do governo de esquerda de João Goulart (1961-1964). No segundo andar de um prédio, fazem um teatro e um cinema. Levam peças e elaboram o primeiro filme, *Cinco Vezes Favela* (1962). Zózimo entra de cabeça na experiência. É um cinema baseado na questão da história do negro, cinco histórias baseadas dentro das favelas onde o negro é o ator principal (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 17).

A UNE foi incendiada. De repente o massacre fica grande. A censura, as perseguições. Leon Hirshman decepciona Zózimo ao conseguir dinheiro para seu primeiro filme colorido: Garota de Ipanema (1967). A turma do Cinema novo começa a formar uma elite, na visão de Zózimo, eles “perdem o pulso da história”. (Bulbul, Alma no Olho, 1974, p. 19). A ruptura de Zózimo em relação ao Cinema Novo pode ser relacionada com o devir negro no mundo, descrito por Fanon:

> Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto! (FANON, 2008, p. 123)

[24] Jânio Quadros foi eleito presidente do Brasil em 1960 e assumiu seu cargo em janeiro de 1961. O governo de Jânio foi um período turbulento, caracterizado por tomada de medidas confusas e impopulares. Após pouco mais de seis meses no cargo, encontrava-se isolado e em uma jogada política desastrosa, fatos que o levaram a renunciar à presidência do Brasil (SILVA D. N., 2020).

As análises psicológicas feitas pelo Fanon consistem em sócios diagnósticos, através dos quais se entende que a alienação do negro não é apenas uma questão individual, e sim um fenômeno socialmente construído, que opera como importante mecanismo do colonialismo, ou seja, funciona como engrenagem de um sistema político capitalista, sendo o racismo também, para além dos domínios coloniais, um mecanismo de distribuição de privilégios em sociedades marcadas pela desigualdade.

E assim Zózimo se depara mais uma vez como os brancos inferiorizam os negros. Os mesmos amigos que ele discutia as causas negras, agora voltados ao capitalismo e criando narrativas que não incluía mais a realidade que eles usaram para construir seus percursos cinematográficos, mas igualmente a todos demais apropriadores, depois de sugar o máximo, voltam a retratar suas realidades, deixando o negro inferiorizado.

Parte 2

A parte 2 dessa dissertação traz um ineditismo a forma dessa escrita. Para além da perspectiva, primeiramente, acadêmica como técnica de escrita, eu trago um diálogo com minha técnica de roteirista, a qual a ação está sempre se passando no presente, influenciando o tempo verbal.

Essa perspectiva visa não só alcançar um público acadêmico, mas demais áreas que tenha diálogo principalmente com o cinema.

O texto tem sua base referencial no livro Uma Alma Carioca (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014) e na Entrevista do Museu da Imagem e do Som – Cem Anos de Abolição (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988), onde temos em ambos a história e trajetória de Zózimo Bulbul.

O que torna o texto ainda mais rico, é a pesquisa que fiz durante os 3 anos no acervo pessoal de Zózimo Bulbul e as entrevistas realizadas por mim que geraram a possibilidade de produzir um Portal virtual em homenagem a Zózimo Bulbul.

Durante 3 anos eu cataloguei todo acervo de Zózimo e levei até a casa de Biza Vianna para analisarmos juntos a trajetória de Zózimo.

A Biza se encantou pelo material e montou uma equipe para produzirmos um Portal online contendo todas aquelas informações catalogadas. Biza Vianna fez a direção do projeto, eu assinei pesquisa e organização, Vitor José, sobrinho de Zózimo Bulbul, foi convidado para fazer a comunicação, JG Jorge Gonzaga já estava fazendo produção comigo desde que iniciamos a organização do 3° andar, Monalyza Alves e Beatriz Lima na coordenação.

O Portal terá lançamento em novembro de 2021 junto a uma exposição no Centro Afro Carioca de Cinema Zózimo Bulbul, também em homenagem ao mesmo.

Durante o período em que cataloguei o acervo, fui selecionado pela FLUP para compor a turma de roteiristas e desenvolvi um argumento para um longa metragem sobre Zózimo Bulbul. Antes da FLUP, já havia estudado roteiro nas escolas Darcy Ribeiro, PUC, Roteiraria e Centro Afro Carioca de Cinema.

Quando apresentei essa dissertação banca a banca na qualificação, a professora Ana Lúcia Silva Sousa me chamou atenção com um comentário que influenciou muito a decisão de uma parte 2.

Ela me disse que sentia falta de mais informações da pessoa que escrevia, entrelaçada com a história do Zózimo e que era perceptível algumas semelhanças nas características de ambos.

O Zózimo estará em primeira pessoa, sendo ele mesmo o narrador de sua própria história. Em itálico, para que não se confunda com as palavras da primeira pessoa, o Zózimo, eu escreverei meus apontamentos e análises.

Na parte 2, também reuni trechos de diferentes pesquisadores que falam em seus artigos sobre Zózimo Bulbul, os mesmos estão citados no final de cada contribuição selecionada para essa dissertação.

Assim como os entrevistados para o Portal, que também terão suas falas transcritas nesse documento. São eles, Sérgio Benedito, nascido em Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro, servidor público federal aposentado. Presidente do IPCN por muitos anos, fundador e presidente da Associação Nacional dos Aposentados e Pensionistas do IBGE. E um militante pra melhoria das condições do negro no Brasil. Biza Vianna, companheira de Zózimo Bulbul, diretora presidente do Centro Afro Carioca de Cinema, trabalhou muitos anos no mercado da Moda, produziu o Teatro Tom Jobim e assumiu o Centro Afro Carioca após o falecimento de Zózimo. E Delay do Acari, poeta e animador cultural, nascido no Rio, fundador do grupo negrícia, poesia e arte de crioulo, militante do movimento negro, detentor da medalha chico mendes de direitos humanos-2008 do Grupo Tortura Nunca Mais, fundador da Ala de Compositores Antonio Candeia Filho do GRANES QUILOMBO, militante de direitos humanos da REDE DE COMUNIDADES E MOVIMENTOS CONTRA VIOLENCIA.

Essa parte surge a partir da minha inquietação e necessidade de compartilhar o que pesquisei sobre Zózimo Bulbul durante os meus 3 anos de de pesquisa em um lugar que eu chamo carinhosamente de terceiro andar.

A minha primeira ideia era apenas tornar o lugar possível pra ser habitado. Tornar aquele lugar que era impossível circular, em mais um lugar que as pessoas pudessem acessar.

Ingenuamente eu fui percebendo que existia uma vida naquele lugar. A vida do Zózimo estava ali. Depois de alguns meses eu chamei Biza Vianna até o Centro Afro e mostrei a ela que estava organizando o espaço e que tinha encontrado alguns documentos muito importantes do Zózimo e que eles poderiam ser danificados por que ainda tínhamos o problema de goteiras quando chovia muito no bairro da Lapa.

A parte 2 é uma contribuição do meu trabalho do Portal para o meu trabalho de pesquisador deste texto.

Uma informação importante é que eu tive a oportunidade de também estar compondo a equipe do Centro Afro, ao lado de pessoas que viveram ao lado de Zózimo, destacando minha função de assistente de Biza Vianna. Que como eu disse bem na introdução, foi a pessoa que mais contribuiu com memórias sobre o meu objeto de pesquisa.

Veremos ao longo dessa parte algumas dessas memórias que foram escritas manualmente por Biza e digitadas por mim para compor o Portal do grande mestre Zózimo Bulbul.

Também identificaremos as formas que Zózimo lutou e burlou o racismo e como ele era extremamente consciente de sua luta e afrontamento.

1. O Afrontamento De Zózimo Bulbul

1.1 Final da década de 60

1.1.1 Renascença (1968)

No fim dos anos 60 eu descubro um grupo chamado Renascença no Méier e passo a frequentar todo final de semana, de paletó e gravata. Ficam lá os negros society. Dr. Oscar é o presidente vitalício. Não permite ter eleições. Entro em um grupo junto com Ney Lopes[25] para discutir política e brigamos com Dr. Oscar por que queremos as eleições. Ele rasga meu título e me proíbe de entrar no clube (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 17).

O Renascença foi fundado em 17 de fevereiro de 1951, por conta de uma situação negativa, que ainda persiste em nossa sociedade: o preconceito racial. Um grupo de negros de classe média, que eram impedidos de ingressar em clubes tradicionalmente frequentados por famílias brancas, resolveu criar a agremiação. A intenção era ter um lugar onde as famílias negras pudessem se reunir e se divertir em harmonia, sem discriminação racial. (Lucena, 2017). Não obstante o Renascença Club ser identificado como espaço de construção da negritude no Rio de Janeiro, Zózimo Bulbul identifica uma perspectiva elitista no clube, nos anos 1960, e uma desconexão com seu projeto revolucionário de transformação social e afrontamento do racismo. Por isso, essa tensão entre ele e o Renascença Club. Nos anos 1970, o Renascença Club altera seu perfil e projeto, aproximando-se do ativismo de Zózimo.

1.1.2 Excelsior: Vidas e Conflitos (1969)

Noel de Carvalho fala sobre o golpe militar de 1964: “Foi um divisor de águas para os artistas e intelectuais identificados com o projeto nacional populista. O otimismo reformista cedeu lugar ao estado de perplexidade e autocrítica. No cinema, a ideologia militar que orientou as novas condições de produção de filmes, reorganizou o campo cinematográfico em um sentido diferente do desejado pelos cinemanovistas. A partir de 1964, o estado passou

[25] Carioca do Irajá e um dos mestres do gênero de samba partido alto, Lopes empreendeu, na área literária, respeitável estudo sobre a presença das línguas africanas na formação do português falado no Brasil - sua produção inclui 25 livros. São ensaios, contos, perfis e narrativas, além do constante levantamento das palavras de origem africana que integram o vocabulário dos brasileiros, o que rendeu quatro dicionários (dois voltados ao grupo linguístico banto, outro com termos afro-brasileiros para estudantes e mais um com verbetes sobre a produção literária negra). No campo da história, Lopes realizou a extensa pesquisa que compõe os cerca de 9 mil verbetes de sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (ITAÚ, 2014).

a intervir no campo cultural criando órgãos e institutos visando centralizar e regular a atividade e adequando-a aos seus interesses políticos e ideológicos.” (CARVALHO, 2005, p. 182). Bulbul experimentou várias situações de censura em seu trabalho no campo das artes.

Sou chamado para uma novela na Excelsior junto com a Leila Diniz[26], mas não quero compactuar com isso. Nós lemos o capítulo, começamos a decorar e vamos para o estúdio gravar.

De repente chega uma ordem lá de cima que não pode mais ser isso. Tem que mexer todo capítulo, para dar uma amenizada. Uma loucura. Recebemos muito bem no final do mês. Oferecem carros e apartamentos. A própria televisão oferece para ficarmos presos a ela. A censura cada vez mais forte em cima da gente. Após o beijo é uma perseguição total.

Chega um militar mandando parar tudo. O capítulo tem que ser refeito. O autor refaz e pede pra decorar tudo. Fica uma palhaçada, uma coisa louca. Eu me junto com Leila e fazemos um abaixo-assinado para tirar a novela do ar. Os nossos amigos dizem que eu sou maluco.

Chega um abaixo-assinado da cidade de Campinas, com papel timbrado, pedindo que a novela saia do ar por dar mau exemplo aos brancos. Como a branca beija um preto na televisão? Eu peço uma cópia e o militar diz que é dele e não sai dali. No fim ameaçam de me prender se contar a algum jornal. A novela termina mal. Eu e Leila ficamos mal na história. O chefe da censura diz a eles que nunca mais entraremos em qualquer televisão do Brasil.

Começa na Globo, A Cabana do Pai Tomás. Sérgio Cardoso faz seis personagens, inclusive um pintado de preto, o que me deixa com muita raiva e me afasta cada vez mais da emissora.” (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988).

Joel Zito Araújo, cineasta e pesquisador mineiro, doutor em Ciências da comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São

---

[26] Leila Diniz (1945-1972) foi uma atriz brasileira. Estrela do cinema, artista da TV, vedete do teatro rebolado, musa de Ipanema, irreverente e escandalosa, rompeu barreiras da sociedade conservadora de seu tempo.

Paulo e pós-doutor no departamento de rádio, TV e cinema e no departamento de antropologia da Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos, foi amigo pessoal de Zózimo Bulbul e assumiu o cargo de curador do Encontro de Cinema Negro após a morte do Zózimo. Ele tem as seguintes impressões quanto as telenovelas brasileiras: “A questão racial ganharia cada vez mais destaque a partir da década de 70. Embora não tenha recebido uma formulação explicitamente política – até porque as principais lideranças estavam fora do país, ela aparecia posta pela via do comportamento, da moda e mídia.

A representação dos atores negros tem sofrido uma lenta mudança desde a década de 60, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de total subalternidade. Naquela década, a mulher negra era representada regularmente como escrava e empregada doméstica, encaixando-se na reedição de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte-americanos, como as mammies. (Araújo, 2008, p. 980)

A natureza do debate sobre a mestiçagem no Brasil, apesar de conviver permanentemente com ambiguidades e contradições, sofreu poucas mudanças no decorrer dos últimos cem anos. Embora no período final da escravidão o mestiço fosse visto como uma degeneração racial, a miscigenação já aparece no discurso dos abolicionistas como solução para evitar a polarização de raças no país. Mas será nos anos 30 que o conceito sofrerá uma inversão positiva nas mãos de uma intelligentsia brasileira que procurou criar uma imagem autóctone do país, através da afirmação do nativo, do caboclo e do mestiço, em reação diante dos processos agudos de europeização, que tinha no velho continente o paradigma para a compreensão da cultura do novo mundo. No entanto, mesmo estando sob a batuta daqueles que marcaram profundamente a vida cultural contemporânea, como Gilberto Freyre, os modernistas e os romancistas que surgiram do ciclo da literatura chamada regionalista, como Jorge Amado, a afirmação da miscigenação esteve sempre associada à ideia de que nessa terra se criava uma nação com uma nova raça. Os brasileiros, frutos de um hibridismo onde prevaleceria a homogeneidade racial e cultural, deixariam para trás, de forma completamente superada, a divisão racial de nossa formação. Nasce, nesse contexto, o conhecido mito da democracia racial brasileira. (Araújo, 2008, p. 982)

Em nenhuma telenovela brasileira houve qualquer defesa da mestiçagem brasileira, nem mesmo nas adaptações das obras de Jorge Amado. O mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão-do-mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante e delegado, portanto sempre no papel de serviçais intermediários, mais interessados em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem 'impura', buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades de controle do negro na sociedade." (Araújo, 2008, p. 981). As novelas representadas por Zózimo Bulbul fazem parte desse quadro, contudo, o ator veio a romper com esse tipo de produção, rejeitando papeis subalternos. Essa perspectiva veio acompanhada de um maior investimento no campo do cinema.

1.2 Década de 70

Carlos Carvalho aponta: "A década de 70 foi definitiva para a consolidação da carreira de Zózimo como ator profissional no cinema. Durante esses anos, trabalhou em vários filmes dos mais diversos gêneros e origens, de tal modo que é quase impossível encontrar uma coerência em trabalhos tão díspares." (CARVALHO, 2005, p. 192)

A maior parte do material de acervo do Zózimo contém informações da década de 70. Foi uma década de muitas descobertas, trabalhos e principalmente formação enquanto homem preto ativista. O período que Zózimo se encontrou na Europa aguçou nele a curiosidade de saber mais sobre ancestralidade africana. O contato dele com os cineastas africanos que estavam no país da França abriu muitas perspectivas de possibilidade. É nessa mesma década que ele circula os principais ambientes do movimento negro no país, dirige seu primeiro filme e conhece Biza Vianna.

1.2.1 Compasso de Espera (1971)

Uma namorada que eu conheço no Rio, loira, vem para São Paulo passar o final de semana. Eu estou fazendo Hamlet com Walmor Chagas. Ligo pra ela e diz pra ir a um hotel. Quando termina o ensaio, saio correndo, pego um

táxi e vou ao hotel na Avenida São João. Chego e sou barrado. O recepcionista me pergunta: “O que está fazendo aqui?” Eu digo que tenho uma pessoa me esperando. E ele: “Mas é que não pode”. Eu pergunto: “Não pode o que? Fala, rapaz!”. O recepcionista não fala e chama o gerente. Aparece um rapaz do seu lado que diz ser o segurança. Eu digo: “Não estou falando com você, estou falando com o gerente”. E ele: “Você está me desacatando” Eu continuo falando: “Fala, cara. Diz que não entra preto aqui”. E ele disse: “Não sou eu quem está falando.”

A fachada do hotel é toda de vidro fumê. Tem uma poltrona de estar no hall do hotel. Eu pego a poltrona, jogo em cima do vidro e quebro a fachada toda. Chamam a polícia. Eu quero a lei Afonso Arinos[27] e o delegado pede pra não fazer isso. Fica elas por elas.

Um dia em um jantar, conto a história para Antunes Filho. Ele diz: “Cara, é perfeito esse negócio. Eu estou com um roteiro aqui. Vamos sentar. Vamos ler esse roteiro”. A gente consegue um dinheiro e faz um filme chamado Compasso de Espera (1971). Um filme em preto e branco. Descobrimos Renée no meio da rua. Tem vários atores e é um filme que discute o preconceito racial no Brasil de uma forma moderna. Mandaram para a censura e veio uma ameaça de prisão. Disseram que no Brasil não tem preconceito racial.” (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 35)

1.2.2 Alma no Olho (1973)

Pego a sobra do negativo preto e branco do filme Compasso de Espera, e uso para fazer o “Alma no Olho”. O filme colorido ainda está chegando no Brasil, todos fazem preto e branco. O negativo é da KODAK e se chama PLUS X e 4X, o filme sai do preto e Branco e não passa pelo cinza, como se vê no Compasso de Espera. O que é preto é preto! O que é branco é branco! Eu e o

[27] A Lei Afonso Arinos é uma lei proposta por Afonso Arinos de Melo Franco e promulgada por Getúlio Vargas em 3 de julho de 1951 que proíbe a discriminação racial no Brasil. É o primeiro código brasileiro a incluir entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele.

diretor de fotografia, só com uma câmera de um amigo me empresta, em um estúdio em Botafogo, num sábado à tarde até meia noite, fazendo Alma no Olho.

O livro de Eldridge Cleaver, Alma no Exílio (EUA, 1968), eu pego e me apaixono; é aquela coisa que está começando nos Estados Unidos, dos Panteras (Negras), os negros americanos, a se prepararem para os direitos civis, aí eu pego o livro do Cleaver, sento e faço o roteiro. Tem o Cleaver e o Patrice Emery Lumumba (1925-1961), que todo mundo esqueceu. Ele foi o presidente do Congo que foi eleito pelo povo, mas a Europa e os Estados Unidos queriam comer o cara de qualquer jeito. E aquela coisa do Fidel Castro também, os caras têm medo, são socialista, comunista mesmo de verdade. (Bulbul, Entrevista Museu da Imagem e do Som - Cem Anos de Abolição, 1988)

Alma no Olho também é preso pela censura, aqui no Rio de Janeiro, na Praça Mauá. Os caras conseguem me encontra por que mando o filme e tem o meu endereço com o telefone na ficha. (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 39)

Não vem com essa frescura de que eu era molequezinho não, isso é um filme, isso aqui é arte. E os caras falam – Éh, vocês artistas, viados... Provoca o máximo possível, eu não tenho medo. O cara com gravatinha ainda diz: - Você não tem consciência pra fazer um filme desse. Quem mandou você arrebentar essa corrente? Quem mandou? Aí eu digo que é um filme meu. Eu escrevo, eu quem faço. Mas os caras não acreditam. Ficam perguntando quem mandou fazer. Duvidam dizendo que não tenho cabeça pra isso. É aí que eu digo que foi o Vinicius de Moraes. Eles perguntam se é o poeta. Eu respondo que sim, que também é embaixador e está em Paris.

O Alma no olho é para mim uma experiência muito forte. Eu mesmo sento, escrevo e bolo a historinha do filme. Tento procurar um ator para fazer o filme. Aí olho e, não sei, ninguém me inspira confiança. Entende? As pessoas pra quem eu mostro acham uma coisa maluca, todo em mímica. Resolvo um dia eu mesmo ir para a frente da câmera com o José Ventura, que é o diretor de fotografia. E o Alma no olho eu faço assim. Pago o laboratório, pago o Ventura. Eu mesmo monto, sonorizo, mixo e boto o letreiro.”

Janaína Oliveira, pesquisadora e curadora, é doutora em História, professora no IFRJ (Instituto Federal do Rio de Janeiro), e foi Fulbright Scholar no Centro de Estudos Africanos na Universidade de Howard, em Washington D.C., nos EUA. Desde 2009, desenvolve pesquisa sobre as cinematografias negras e africanas, atuando também como consultora, júri e painelista em diversos festivais e mostras de cinema no Brasil e no exterior. Em 2019 realizou a mostra “Soul in the eye: Zózimo Bulbul's legacy and the Contemporary Black Brazilian Cinema” no IFFR - International Film Festival Rotterdam. Foi também consultora de filmes da África e da diáspora negra para o Festival Internacional de Locarno (2019-2020). Atualmente é curadora do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul (RJ), do FINCAR (Festival Internacional de Realizadoras / PE) e da Baobácine Mostra de Filmes Africanos de Recife. Faz parte da APAN (Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro). É idealizadora e coordenadora do FICINE, Fórum Itinerante de Cinema Negro e foi a programadora do Flaherty Film Seminar (Nova York) em Julho de 2021. Ela escreve as seguintes notas sobre o filme:

“Alma no olho, curta-metragem dirigido e interpretada por Zózimo Bulbul em 1973, constitui o gesto inaugural do cinema negro no Brasil. O status de Bulbul como um pioneiro do cinema negro brasileiro não reside em cronologia histórica, porque ele não foi o primeiro negro diretor brasileiro: Jose Cajado Filho, Haroldo Costa e Odilon Lopes foram seus antecessores nessa linhagem. Sua importância reside, antes, nos avanços estéticos e narrativos realizados por seu filme, que sobreviveu a sua ostracismo - imposto pela crítica e pelos estudos de cinema brasileiros por meio de uma hegemonia excludente de quase quarenta anos - a ser retomado como um ponto de referência por um novo geração de cineastas negros brasileiros.

Alma no olho foi feito de uma forma totalmente independente, usando as sobras do filme Compasso de espera (1973), longa dirigido por Antunes Filho no qual Bulbul foi o ator principal e colaborador do roteiro. Nos últimos anos, muitas análises foram realizadas no campo dos estudos do cinema negro em Alma no olho, em grande parte dedicado à sua relevância histórica, deixando o inventividade de seu gesto estético um tanto em segundo plano. Nota frequente é feita sobre as inspirações do filme: o roteiro é extraído de Soul on Ice, o livro

de 1968 de Black Panther Eldridge Cleaver sobre seu tempo no exílio, e a trilha sonora consiste em músicas do álbum Kulu Se Mama, a colaboração de 1965/67 de Juno Lewis e John Coltrane, a quem Bulbul dedica o filme.

Nos onze minutos do Alma no olho, Bulbul se apresenta uma pantomima da história dos negros entre a África e a diáspora, traçando uma saga que começa com um estado de liberdade vivida no continente africano passa pelas dificuldades do comércio de escravos no Atlântico e, finalmente, termina com a quebra de todas as cadeias de dominação colonial que continuou a aprisionar corpos e mentes negros no período após a Abolição - fim do comércio transnacional de escravos, em 1888, no Brasil. Na tela, apenas o seu corpo preto, alguns objetos e um fundo branco são presentes na maior parte da duração do filme. Enquanto a performance está em andamento, o personagem interpretado por Bulbul enfrenta a câmera em diferentes momentos, às vezes em cumplicidade, às vezes com ironia, mas sempre desafiadoramente.” (Oliveira, 2014, p. 32)

Noel de Carvalho escreve o seguinte: “ Em 1973 Bulbul realizou seu primeiro filme, Alma no olho, inspirado no livro Alma no exílio (Soul on ice), escrito pelo militante dos Panteras Negras, Eldridge Cleaver. Nele vemos referências caras à negritude como ao escritor Franz Fanon e ao pan-africanismo que animava as discussões do movimento negro. A produção do filme foi custeada pelo autor, que também escreveu o roteiro. Pequeno curta metragem de 11 minutos a criação cinematográfica suplanta com folga a ausência de recursos. Foi realizado com as sobras de negativo do longa Compasso de espera e é de uma simplicidade ímpar: entre um fundo branco e uma câmera fixa no tripé, comandada por José Ventura, Bulbul conta através de pantomimas a história do negro na América desde a África até o movimento Black Power.” (Carvalho, 2012, p. 13)

O filme Almo No Olho foi pra mim a maior inspiração para me tornar cineastas. Foi depois de assistir esse filme, ainda quando morava na França, que percebi que também podia fazer filmes e contar a minha história, com meu corpo, a partir das minhas perspectivas.

É incrível como após 50 anos de produção o filme continua completamente atual. Continuamos discutindo sobre as mesmas questões colocadas pelo Zózimo a partir de uma performance com seu corpo há mais de 5 décadas.

O filme desperta ainda hoje a paixão pelo cinema em muitos artistas que decidem se tornar cineastas depois de passar pela experiência de conhecer o legado deixado por Zózimo. É um filme lindo, capaz de nos fazer ter reflexões sobre nossa existência, nosso passado e onde queremos chegar no futuro.

1.2.3 Orfeu Negro (1973)

Quando eu cataloguei o acervo de Zózimo, a pasta H ANEXOS, me chamou muito atenção. Zózimo guardava muitas informações dos trabalhos que fazia. O espetáculo do Orfeu Negro é um dos trabalhos o qual tem mais informações com catálogos, notas de jornais, revistas e manuscritos de Zózimo.

O primeiro material que eu compartilho aqui, é o catálogo produzido pelo clube Renascença para a ocasião do espetáculo:

“Surgido das necessidades de associação de parte desse grupo (que, embora economicamente capaz, não tinha acesso às diversões que se convencionou serem “classe média”), o RENASCENÇA CLUBE conduziu-se, durante certo tempo, dentro de uma perspectiva meramente recreativa.

Com o alargamento das fronteiras do Clube, a distorção dessa imagem (RENASCENÇA sinônimo de “mulata”) passou a ser um ônus perigoso e incômodo.

Daí a necessidade de se dar ao Clube representatividade a que ele se propôs.

Há de ser sempre um traço de aproximação cada vez mais firme entre todas as raças e classes sociais desse Brasil – poesia, ciência, música, trabalho, Brasil, Vinícius, Brasil Orfeu da Conceição.

Na comunidade RENA todos já sabiam de cor o que dizia a mitologia sobre o músico da Trácia. E todos já identificavam em cada Orfeu anônimo da Mangueira ou do Salgueiro qualidades antes insuspeitadas. É evidente que com um “Macbeth” ou um “Hamlet” – que não estão fora de nossos planos – essa identificação seria mais difícil.

E, de 1956 – quando a peça estreou no Municipal – para cá, o Rio mudou muito. Foi-se o bonde, vem o metrô e o carnaval sai da Presidente Vargas. Muitos morros da zona-sul – onde, inclusive Orfeu do Carnaval foi filmado por franceses, com deliciosas vistas para o mar e aspectos exóticos que caracterizavam os produtos de exportação – tiveram seus habitantes transferidos.

Quando escrito, ainda não havia o cinema novo e a bossa nova engatinhava, mas de qualquer modo o texto de Vinicius de Moraes mostrava suficiente vitalidade para sobreviver ao tempo captado pelo poeta na substância da realidade de nosso povo. Daí Orfeu.

Na 1ª montagem, as dificuldades foram superadas da forma típica de nossos morros, onde a peça se inspirou: O livro de ouro, o bailinho, a feijoada, o suculento angu, inclusive com sugestões para leilão americano de frango assado.

O espetáculo saiu. E surpreendeu toda a crítica, já preparada para o incentivo paternalista que se dá aos amadores – principalmente quando amparados na tradicional imagem de simpatia do RENASCENÇA.

Orfeu saiu em todos os jornais e críticos especializados não hesitaram em lhe conceder as 4 estrelas.

Mas Orfeu já não se satisfazia com os aplausos familiares. E houve uma consciência coletiva de que o Rio de Janeiro precisava conhecer Orfeu.

E ele saiu do Andaraí, viola debaixo do braço e carta de recomendação assinada por mais de 6.000 pessoas. Ele foi profissional e confiante. Rico, no que a riqueza pode aumentar a autenticidade. Orfeu Negro pediu passagem e saudou a imprensa escrita, falada e televisada e o público em geral.” (Programa do Espetáculo Orfeu Negro)

Impresso em folha de ofício, o programa tem cerca de 7 páginas e fala sobre o espetáculo e a equipe. Na parte que se refere ao Zózimo, diz o seguinte: “No jeito e na ginga, Zózimo é Orfeu: Ele só teve mesmo que acrescentar sua interpretação. É um desses casos em que o personagem nasce para o intérprete. Ou vice-versa.

A carreira de Zózimo, que teve formação no tablado, com A. Celli e Gianni Ratto, começou em 1962 com Bonitinha mas, ordinária. Interpretou, depois, Gosto de mel, Memórias de um sargento de milicias, Hamlet e finalmente deu o peso de seu nome e de sua interpretação ao Orfeu Negro do Renascença.

Mas foi no cinema que Zózimo teve os seus maiores momentos, desde a longínqua experiência do Cinco Vezes Favela, em 1962, que marcou a estreia de vários diretores e atores do cinema novo.” (Programa do Espetáculo Orfeu Negro)

Zózimo escreve o seguinte texto no programa:

“ORFEU NEGRO. Negro e não mulato, escurinho e nem mesmo moreno. NEGRO. Está palavra que pra mim é e tem sido tão divina, mas que para muitos… é (era), será um TABU – PECADO – MEDO por que, desde cedo vi e senti que Negro é a cor do meu cabelo, da minha pele, da minha alma e cheia de cores vivas têm sido a minha existência.

Me juntar com ORFEU NEGRO é me encontrar, é me unir, é me identificar com o lado marginal desta minha “negra” sociedade de que sempre a procurei por toda parte, era um sonho antigo e que agora se realiza, concretiza.

O mito de ORFEU (tragédia de Trácia), o músico que, simbolicamente vai ao inferno buscar a sua alma (EURÍDICE), inspirou obras sensacionais: - Poetas, Escritores, Pintores, Cineastas, Músicos, Tarólogos, etc. – Clássicos e contemporâneos se tornaram e se tornarão famosos porque todo ARTISTA que se identificar com sua alma, automaticamente vai descer a todos os infernos desta vida.

E nós os NEGROS DE ALMA NEGRA vivemos quase que indo ao inferno no nosso cotidiano – dia a dia – no nosso pão de cada dia, nas nossas sessões de Candomblé, de Umbanda e de Quimbanda. – Nas favelas, nos

Mocambos, nos Apartamentos, nas Escolas de Samba e no Maracanã, por que estamos tentando também buscar as nossas raízes perdidas nesses anos milenares de escravatura e da não participação “clara” cultural e nem social neste mundo ‘claro’.

E sobre o nosso espetáculo repito as palavras do autor, este poeta maravilhoso e grande amigo Vinicius de Moraes: Esta peça é uma homenagem ao NEGRO brasileiro, a quem, de resto, a devo, e não apenas pela a sua ‘contribuição tão orgânica a cultura deste país’ – melhor pelo seu apaixonante estilo de viver que permitiu, sem esforço, num simples relampejar do pensamento, sentir no divino músico da Trácia a natureza de um dos divinos músicos dos morros cariocas.” (Programa do Espetáculo Orfeu Negro)

Dentre outros materiais que falavam do espetáculo encontra-se no acervo do Zózimo recortes de jornais que ele mesmo fazia para documentar sua vida. Um desses recorte é do Jornal O GLOBO falando sobre o espetáculo:

“Acostumado durante anos a ligar o nome do clube a concurso de “miss”, o “Rená” está destinado a ser a casa cultural da Zona Norte. Esse é o plano da nova diretoria que, há alguns meses, fez um plano para transformar o clube social num centro de cultura e arte negras.

Racismo? Para Plínio Muto, da diretoria cultural, não há essa intenção no movimento, embora o clube seja basicamente só de pretos, o mesmo, apesar de louro ou por causa disso, Plínio é o único diretor a defender a participação negra exclusiva na vida cultural do clube.

Não pode se negar que existe cultura negra e o objetivo do Renascença será preservá-la e estimulá-la.

O ator Zózimo Bulbul – um dos participantes mais ativos do movimento – e mais incisivo diz que acha ter vindo tarde demais, até. Há 17 anos ele vem tentando incentivar a arte negra e acabar com os valores que foram impostos desde criança por meio da arte branca. Não acha que isso seja racismo, mas apenas, a edificação dos valores que sempre foram negados. A única coisa que lamenta é que o movimento do Renascença aconteça quando já está com 35 anos, por que se tivesse 20, a participação seria muito maior.

Inicialmente escrita em forma de poema, a história do amor entre Orfeu e Eurídice tem servido às mais diversas expressões artísticas: livro, cinema e teatro. Os títulos da história também variam: “Orfeu da Conceição”, na primeira montagem em teatro, em 1956, e “Orfeu do Carnaval” no filme exibido no Brasil e dezesseis vezes com lotação esgotada.” (Caldas, 1972)

1.2.4 Um despertar no Exílio (1974)

Em 1973, mergulho numa crise de ceticismo profunda e não encontro mais espaço para continuar trabalhando no Brasil, me exilo na Europa e por lá trato de pesquisar minhas raízes e conhecer mais a história da escravidão no Brasil, através de documentos históricos que nós brasileiros jamais vimos. Na Torre do Tombo (uma espécie de Arquivo Nacional), em Lisboa, eu constato que esse papo de que Rui Barbosa teria queimado os arquivos públicos sobre a escravidão não passa de uma balela. Está tudo aqui, assim como há muita coisa na Universidade de Sorbonne, em Paris.

Todo material acumulado por mim durante meu exílio na Europa é perdido em 1977, quando tenho minha mala extraviada ao voltando para o Brasil.

1.2.5 EUA e França (1974)

Noel Carvalho escreve sobre a viagem de Zózimo: “Viajou para os Estados Unidos, onde residiu por um curto período de tempo. Em Nova York exibe seu filme Alma no Olho em festivais de curta-metragem. Viaja em seguida para a Europa e vai residir em Lisboa e depois em Paris. Na cidade, convive com a comunidade brasileira de exilados políticos, dentre os quais conhece celso furtado, que fora ministro do planejamento no governo do presidente João Goulart (1961-1964). O contato com Furtado foi importante pois, esse quando ministro da cultura durante o governo José Sarney (1985-1989), apoiaria o

cineasta na realização do seu documentário Abolição (1988).” (CARVALHO, 2005, p. 194)

Antes de mudar para França, vou para Nova York fazer contatos para exibições de meu filme Alma no Olho. Também faço curso de Cinema e deixo uma cópia do filme nas mãos de uma produtora.

Na França, nos anos que vivo por aqui, conheço o Movimento Pan-africanista, uma ideologia que propõe a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. Relativamente popular entre as elites africanas ao longo das lutas pela independência da segunda metade do século XX, em parte responsável pelo surgimento da Organização de Unidade Africana, o pan-africanismo é mais defendido fora de África, entre os descendentes dos africanos escravizados que foram levados para a América até o meio do século XIX e das pessoas de descendência africana subsaariana emigradas do continente africano após a Década de 1960.

Também conheço cineastas africanos, incluindo Mansour Sora Wade, um diretor de cinema senegalês de ascendência do povo Lebou. Estudou na Universidade Paris 8 e depois dirigiu os arquivos audiovisuais do Ministério da Cultura do Senegal, um cargo que ocupou de 1977 a 1985. É muito importante na minha vida e trajetória. Em 2007, quando idealizo o Encontro de Cinema Negro, Mansour é um dos meus principais parceiros.” (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014)

Noel Carvalho também fala do retorno de Zózimo ao Brasil: “No final de 1977 retornou ao país, trazendo consigo a África para o brasil. Trabalhou no filme do cineasta nigeriano Olá Balogun, a deusa negra, em 1978, uma co-produção nigeriana e brasileira. Além de protagonista, fez assistência de direção. O filme conta a história de babatunde (Zózimo), jovem africano que vem ao brasil à procura dos seus ancestrais. Em um terreiro de candomblé a jovem Elisa entra em transe e indica à babatunde a bahia como possível local. Os dois partem

juntos, mas nada conseguem, até que babatunde percebe na moça os laços familiares que buscava.” (CARVALHO, 2005, p. 195)

1.2.6 Biza Vianna (1977)

Biza Vianna foi a entrevistada mais importante para análise dessa dissertação. Suas contribuições ajudaram de uma maneira muito especial porque ela fez parte da vida de Zózimo e suas memórias ainda são muito frescas e presentes. Ela consegue com toda sua base de informação confirmar todas as informações encontradas no acervo de Zózimo Bulbul.

Ela o conheceu em 1977. Um ano de grandes transformações. Chega Zózimo de volta ao Brasil, depois de passar 4 anos fora.

Biza fazia teatro e figurino quando ele chegou. As relações interraciais naquele momento no Brasil eram vistas como algo errado por uma sociedade absolutamente racista, sem igualdade nenhuma e baseada ainda em mentiras criminosas da tal democracia racial, tão falada na época.

Zózimo gritava contra essa mentira e muitas vezes conseguia vários desentendimentos, principalmente na Zona Sul do Rio, onde viviam.

E assim era – ele, um artista, ativista, trabalhava e militava bastante, e sempre levava para nossa casa, as pessoas importantes para ele, muitas vezes do Movimento Negro que na época tomava uma forma bastante interessante e forte.

Com isso, recebiam Abdias Nascimento, junto com Elisa, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, Léa Garcia, a quem ele considerava irmã – e mais amigos do Cinema Novo como Luiza Maranhão, José Medeiros (grande fotógrafo), Paulão Barbosa (na época despontando em sua carreira), Antônio Krisna (querido amigo artista plástico), seu amigo Zaqueu (ex-preso político) e os então meninos da poesia como Semog, Limeira e outros. Também apareciam Renato Radical, Crispin, Macalé (do Ilê da Bahia) e outros que moravam ou frequentavam o bairro do Jardim Botânico. E a família sempre presente, Dona Rita (a mãe), Helena (a irmã) e Vantinho (o sobrinho).

Biza relata que a casa era festiva. Comia-se bem quando ele ia para a cozinha, gostava de cozinhar para muita gente e adorava apresentar o “Mafê”, comida africana que ele conheceu nas viagens e comidas típicas brasileiras, como dobradinha, mocotó, rabada, entre outros. (Bulbul, Vianna, & Macário, Portal - Zózimo Bulbul, 2021)

1.2.7 IPCN (1977)

Instituto de Pesquisa e Cultura Negra (IPCN), criado em 1975 com o objetivo de combater o racismo, o preconceito e a discriminação racial. Exerci a função de um dos Coordenadores do IPCN - Instituto de Pesquisa de Culturas Negras, após minha chegada no Brasil, ainda na década de 70.

Falando sobre a catalogação que fiz dos documentos de Zózimo, tanto na pasta H ANEXO, quanto na pasta D VIDA, temos documentações, panfletos e projetos da época em que Zózimo ocupava o cargo de um dos coordenadores no IPCN. Um dos panfletos informativos, traz a seguinte informação da instituição:

“O Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, que também usará a sigla IPCN, fundado em 8 de junho de 1975 conforme escritura pública lavrada no livro de nº A-16 de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, com sede própria de acordo com a Escritura de Compra e Venda de 05/01/1977, lavrada no livro 1757, fls. 128 V, do 22º Ofício de Notas e registrada no 2º Ofício de Registro de Imóveis, R-1-9542, sendo pessoa jurídica de direito provado, constituída sob a forma de sociedade civil, de âmbito nacional e sem fins lucrativos, será regido pelo presente Estatuto, seus Regimentos internos e pelas Disposições Legais, que lhe forem aplicáveis.

São seus fins:

a) Realizar, patrocinar e promover centros de estudos, cursos, palestras, conferências, seminários, mesas-redondas, conclaves e publicações de tipos de natureza diversos, destinadas à formação, ao treinamento e ao conhecimento de todos os interessados nas

questões de negritude, do racismo, da discriminação e preconceitos raciais, sociais, econômicos e políticos.

b) Instalar museus, Pinacotecas, Discotecas, etc.

c) Manter intercâmbio com instituições congêneres nacionais e/ou estrangeiras;

d) Celebras contratos e convênios com entidades privadas ou públicas, nacionais e/ou estrangeiras;

e) Proporcionar meios àqueles que desenvolvem trabalhos de interesse do IPCN;

f) Lutar pela igualdade de fato entre as pessoas, independente de sua cor, etnia, raça, sexo, religião ou credo político;

g) Assessorar juridicamente pessoas e entidades que sejam vitimas de racismo;

h) Defender, ajudar e promover social, econômica e culturalmente toda a vítima do racismo e da discriminação racial;

i) Realizar, patrocinar e promover estudos, pesquisas e divulgação de problemas e fenômenos relativos a todas as Culturas Negras e a participação do Negro em todos os ramos da vida, buscando resgatar da perda de identidade própria, do esquecimento histórico e da miséria a comunidade negra brasileira.

j) Combater o racismo e a discriminação racial, representado em suas mais variadas formas, e em todos os locais onde aconteça este crime de lesa-humanidade.

Noel Carvalho fala sobre o engajamento de Zózimo nos movimentos políticos: “O final dos anos 70 foi marcado por grande efervescência política e social. Os movimentos sociais represados durante a década retomaram as atividades. Grupos de mulheres, homossexuais e indígenas reivindicavam políticas específicas. Os negros não ficaram atrás: em São Paulo foi fundado o Movimento Negro Unificado (MNU), uma frente de várias organizações que reivindicavam políticas para a população negra. Esse propunha uma agenda ampla que ia de reivindicações políticas pontuais contra o racismo até reivindicações mais gerais da ordem do simbólico como a construção de

modelos positivos de representação racial. Bulbul se engajou em algumas dessas reivindicações.” (CARVALHO, 2005, p. 195)

Benedito Sérgio relata na entrevista para o Portal de Zózimo Bulbul como o conheceu e como foi sua passagem pelo IPCN: “O Zózimo chega ao IPCN quando ele volta pro Brasil, em 77. O IPCN naquela época foi praticamente quando nós adquirimos a sede de porta da Mém de Sá, 208. O Zózimo antes de viajar, morava em Ipanema. Era um amante, entusiasta do jazz americano e uma pessoa preocupada com a situação em que vivia o negro no Brasil naquela época. Nós fizemos e vimos que tínhamos muita coisa em comum que poderíamos realizar. Quando ele voltou, eu já era presidente do IPCN.

Por conta da minha saída do Rio de Janeiro, em 78, nós realizamos apenas os 90 anos da abolição no Museu de Arte Moderna. Com todo tipo de arte que nos representava. E, ele trouxe uma coisa impressionante, tem que ter um registro histórico... ele resgatou a Orquestra Afro Brasileira do [Abgail Moura], o Negreiros fazia parte da orquestra. E nós pudemos ver uma orquestra apenas com instrumentos de percussão. Imaginavam que seria uma batucada, mas não, eram sons harmônicos, tambores de todos os tamanhos. A gente via todos os tambores. A gente ouvia uma orquestra verdadeira.

Eu estava aqui pensando o que falar sobre o Zózimo. O personagem talvez que todos conheçam, membro importantíssimo de uma dinastia que com certeza começou na África que eu conheci através de sua mãe, Dona Rita, que eu tenho certeza absoluta que não se encerrou com o Zózimo. Além do que, a presença de pessoas dessa importância na história da humanidade, não têm início, meio e fim, elas são constantes.

Então, eu vou tentar falar do Zózimo não personagem, vou tentar falar do Zózimo pessoa. Uma pessoa super cativante, legal, amiga, compromissada com as coisas que decidia por fazer. Como falei da dinastia, vou falar de pessoas. Conheci primeiro sua mãe, Dona Rita em Botafogo. Dona Rita era descendente de uma família também de Campos dos Goytacazes, onde quase com certeza absoluta se passaram os capítulos mais cruéis da história da escravização no Brasil, uma região de cana de açúcar. E, por ter nascido e vivido em Campos eu tenho uma noção do que deve ter sido toda essa memória. Dona

Rita é a grande da dinastia que eu conheci, criou dois filhos: a Helena e o Zózimo, de maneira espetacular, vencendo todas as dificuldades. Os dois se destacaram nas áreas que resolveram empreender.

O Zózimo eu conheci quando ele já voltava do exílio da França depois de conhecer a mãe e a irmã dele. Ele voltando cheio de ideias. Ali ele pôde comprovar com certeza que as ideias que ele tinha sobre o Brasil eram perfeitamente corretas. A nossa situação aqui no Brasil era uma situação que poderia ser mudada e era uma situação que não tinha razão de ser. Então, próximo aos 90 anos da Abolição, tivemos a oportunidade de nos reunir e pensar em algumas soluções. Dentre essas, realizamos no MAM os 90 da Abolição.

Não foi uma empreitada fácil, pelo contrário, foi muito difícil, cheio de idas e vindas. Com um financiamento da Funarte, que na época todo ano fazia alguma coisa, mas com outras características. E justamente, havia no Zózimo um sentimento de que nós tínhamos que fazer uma coisa nossa, bastante abrangente, pegando todas as atividades desenvolvidas pelos negros no Brasil que vem com muita dificuldade, ajudando a transformar a sociedade em uma mais justa, igualitária e diversificada.

Realizamos isso e daí surge a grande amizade com o Zózimo. O Zózimo humano tem várias características. Conheci o Zózimo como um dos mais belos exemplares da humanidade. Ele se preocupava muito com seu interior. Ele poderia ter se transformado, e foi muitas vezes tentado a isso, ter se transformado em um grande galã brasileiro. Então, ele recusou vários papeis em que ele só demonstraria sua beleza física. Recusou várias empresas de comunicação e seguiu sendo fiel aos seus princípios. Diante desse quadro enfrentado por ele, e seu jeito de empreendedor, ele resolveu então que ele teria que fazer as suas próprias coisas. Imagine naquela época, década de 70, início de 80. Realizou filmes, interessantes, como o Alma no Olho, que parece uma resposta assim tão contundente, quando ele trata do corpo do negro brasileiro.

Ainda seguindo com tanta luta pelo que acreditava, acho importante comentar que ele conseguiu uma grande aliada, Biza Vianna.” (Portal - Zózimo Bulbul, 2021)

Eu tive a oportunidade de conhecer o Benedito em 2013, quando fui apresentado a ele por Eliete Miranda e comecei a ser artista performance da instituição do IPCN. Em 2019 fiz a direção de arte dos 44 anos do IPCN. Durante todos esses anos, o Benedito se fez alguém muito importante para a minha pesquisa sobre o Zózimo, por que percebi o quanto eles foram amigos e lutaram em prol da mesma causa.

Benedito nos confirma o processo de afrontamento que também está relacionado nas ações, planejamento e difusão da estratégia antirracista que ele distribuía através de seus conhecimentos para a sociedade. Zózimo tinha certeza da importância de seu trabalho e sempre soube que isso reverberaria se ele fizesse bem o seu trabalho. Todo seu legado nos confirma sua preocupação em mudar o mundo pra um lugar mais igualitário, livre de preconceitos e violência contra os corpos pretos.

O IPCN foi um grande lugar para troca de conhecimentos, que grandes líderes negros em coletivo, tiveram a oportunidade dessa coletividade e força para ajudarem na construção de uma sociedade que respeite os negros. Nomes como, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Ana Beatriz Nascimento, Januário Garcia, Ubirajara Fidalgo, Sérgio Benedito, Zózimo Bulbul, dentre muitos outros nomes, foram pessoais fundamentais para a luta antirracista no Brasil.

1.2.8 MNU (1978)

Apesar das múltiplas atividades, a militância ocupa um espaço bem maior em minha vida, principalmente com a criação dos coletivos que tinham uma luta antirracista.

Um outro exemplo é o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação e o Racismo (MNUCDR). A criação efetiva dessa entidade ocorre no dia 7 de julho de 1978, na cidade de São Paulo. No ano seguinte, é rebatizado de Movimento Negro Unificado (MNU). Através de uma carta convocatória, as

entidades negras do país são convidadas a participar de um ato público para fundação do MNU.

No Rio de Janeiro, Abdias do Nascimento, recém chegado do exílio, com sua esposa Elisa Larkin, se mobiliza com a manifestação e participa de todo o processo de fundação do MNU. Além dele, outras entidades cariocas do movimento negro abraçam o movimento, dentre elas: a Escola de Samba Quilombo, Renascença Clube, Núcleo Negro Socialista, Centro de Estudos Brasil-África (CEBA) e o IPCN.

Passo por muitos desses movimentos em minha luta antirracista junto a muitos irmãos pretos.

Para essa parte em que Zózimo fala sobre o MNU na primeira pessoa, tive a referência da entrevista em que Delay do Acari faz para o Portal de Zózimo. Ele explica que Zózimo foi uma pessoa que nunca pertenceu exclusivamente a alguma instituição ou movimento, mas que frequentava todas elas, e que sua maior função era as pessoas que ele apresentava, quando levava a esses lugares. E isso explica muito sobre a trajetória de Zózimo. Esse corpo sempre em movimento, com sede de conhecimento, conhecendo pessoas, se relacionando, fazendo networking o tempo inteiro. Delay continua dizendo:

“O Zózimo, no MNU, atuava como uma representatividade, que quando se expressava, a voz dele tinha um resultado pelo que ele representava, pela maneira dele ser, de se apresentar, uma pessoa reconhecida como não só empreendedor, que percebe objetivos, sonhos, metas, essas coisas. Quando ele falava, ele era ouvido. Mas eu não me lembro dele ter feito parte das reuniões de proposição do MNU, ele representava o movimento negro pelo que ele era no contexto do cinema, pelo que ele fazia dentro das artes cênicas, mas não de reunião de fazer proposta de ação.” (Acari, 2021)

1.2.9 GRAN. Samba Quilombo (1978)

Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo foi uma escola de samba da cidade do Rio de Janeiro. Fundada pelos

compositores Candeia, Reizinho, Wilson Moreira e Mestre Darcy do Jongo, em 8 de dezembro de 1975.

Sua sede ficava em Fazenda Botafogo na rua Ouseley, 810 – Fazenda Botafogo. Nunca foi filiada a nenhuma liga carnavalesca. Não participou de nenhum desfile competitivo.

Surgiu como iniciativa dos sambistas para resgatar valores originais do samba, que segundo eles estariam se perdendo em meio ao Carnaval comercial, que excluiria as comunidades.

Buscando o retorno aos desfiles, o Quilombo nunca deixou de funcionar em sua comunidade com trabalhos sociais e culturais.

Delay do Acari acrescenta sobre a passagem de Zózimo pela escola:

"Zózimo levava pessoas que aumentavam o prestígio da própria escola, esse foi outro cruzamento. Ele ficou presente, saiu, inclusive, no primeiro desfile, como um elemento de destaque da escola. A escola não tinha a pretensão, como têm as escolas normais de botar o cara cheio de penas, plumas... mas dava destaque a pessoas especiais, que colaboram com aquela idéia, com aquele objetivo, e o Zózimo foi alguém que saiu na escola com essa característica, reconhecido como um cara importante dentro deste contexto, foi a passagem dele pela História do Candeia, do Quilombo, que eu me lembro foi essa... Foi o máximo, foi o primeiro desfile contando com todo mundo, Dona Yvone Lara, Clara Nunes, todo mundo...

Na realidade, os componentes tinham o sonho de ser uma escola grande, aquela direção do Candeia, de ser uma escola diferente. Ficou um pouco modificada. As pessoas não conseguiam sair de um terceiro grupo, não foi nem para o Grupo de Acesso, desfile foi na Rio Branco e o sonho de todo mundo que morava na comunidade de Acari... A gente andava pela comunidade reconhecidos como membros da comunidade, que era um negócio muito legal, você não era um estranho ali dentro, você era acolhido, mesmo que o cara não tivesse uma vida muito correta, ele te considerava, sabia seu nome. Zózimo saiu como destaque, representando ele mesmo. Ele não representava um

personagem, representava a libertação de consciência do negro, já que o samba falava sobre isso. (Acari, 2021)

1.3 Década de 80

1.3.1 Aniceto do Império em Dia de alforria...(?)

Em 1981 finalizo meu quarto filme de curta-metragem, Dia de alforria...(?), um documentário sobre a vida do sambista Aniceto do Império. Nesse filme a correspondência com o ideário do movimento negro que reivindicava a construção de uma história e cultura negras aparece inteiramente. Aniceto simboliza esse ideário: compositor e sambista, foi um dos fundadores da escola de samba Império Serrano e membro do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo. Além disso, foi militante do Partido Comunista e ativista sindical ligado ao sindicato dos trabalhadores do Cais do Porto do Rio de Janeiro. Ativismo político, história do negro e identidade cultural negra se condensavam na sua figura. A pedagogia fica explicitada logo nos letreiros iniciais, em que se lê: “Filme dedicado a Zumbi dos Palmares e a todos os quilombolas mortos e vivos”. “Eu achava o Aniceto muito especial. Porque é um fundador de escola de samba, militante do Cais do Porto. Liderou várias greves no Cais do Porto. Não era sambista por sambista. Era um cara que tinha posição política. Amigo pessoal do Prestes, do Luiz Carlos Prestes. Jantava lá! (risos) Com um português castíssimo. E no cais aprendeu francês e italiano. Ele fala no filme. Quer dizer, um cara muito especial, né? (CARVALHO, 2005, p. 197)

Dia de Alforria... (?) é meu terceiro documentário de curta-metragem. Tem dez minutos de duração, é lançado em 1980 e conta parte da trajetória do sambista e ativista político Aniceto do Império. O filme é feito com recursos próprios. A equipe trabalha sem receber pagamento. A fotografia é feita pelo fotógrafo e cineasta José Medeiros que tem um respeitável currículo como

fotógrafo e sempre foi simpatizante das questões raciais. O mesmo pode-se afirmar do montador Severino Dadá. (CARVALHO, 2005, p. 198)

1.3.2 Grupo Bruzundanga (1982)

Na pasta D VIDA, encontrei informações sobre o grupo de Teatro Bruzundanga, fundado e dirigido por Zózimo, na pasta encontra-se fotos do grupo, panfletos de espetáculo e alguns manuscritos de Zózimo que compartilho a seguir:

"Formar o grupo é pra mim uma tarefa árdua porque o ator brasileiro em geral sofre de uma distorção já ao iniciar a carreira. Nos EUA e na Europa o ator recém formado vai primeiro trabalhar na TV, depois nos Café-Concertos – Teatro Ligeiro; no Cinema e por fim o elaborado Teatro. Aqui é tudo ao contrário e o Artista negro, marginalizado sonha logo com vídeo e sua distribuição aí é maior, não se aprimorando para Arte Cênica no seu todo: uma por falta de trabalho e outra por falta de chance de para nós. Essa peça, esse Clássico, nos faz exercitar e aprimorar os nossos conhecimentos técnicos."

O grupo de teatro começa constituído de 15 atores registrados juridicamente numa cooperativa de trabalhos progressivos. Com o objetivo de ampliar o mercado de atuação para o artista negro de modo generalizado. Buscar e trazer para o público brasileiro os Autores preocupados com a Cultura Negra, tanto os nacionais como os estrangeiros.

Conscientizar através de debates, palestras e cursos a importância do Grupo no contexto nacional teatral; e o seguimento negro dentro da realidade vigente. Ampliar os nossos conhecimentos técnicos de ARTE CÊNICA e depois levar o resultado da pesquisa as bases e, também aos demais interessados em nossos trabalhos.

Divulgar a Cultura Afro Brasileira em todo o Brasil, através das suas cidades e capitais de distintas características e até, se possível no Exterior."

O grupo produziu o espetáculo "A Tragédia do Rei Christophe". Ainda nos manuscritos, Zózimo escreve o seguinte sobre o espetáculo:

“Com um elenco de atores negros, narra a ascensão e queda de um antigo escravizado que se tornou Rei no início do século XIX no Haiti.

A trajetória do Rei Christophe está nos palcos cariocas – TEATRO GLAUCE ROCHA, discutindo de maneira cômica e política a ascensão do PAPA Doc e de seu filho Baby Doc no poder do Haiti. Dirigido por Zózimo Bulbul.”

O grupo fez um único espetáculo, mas podemos ver todo esforço de Zózimo em construir um grupo de teatro negro, abordando questões afrontosas para a luta contra o racismo. O cervo de Zózimo contém uma foto em que todos os atores aparecem em uma rua à caminho do teatro.

1.3.3 ACAAN – Associação Cultural de Apoio as Artes Negras (1983)

Na pasta D VIDA, também encontramos informações da ACAAN, instituição fundada e dirigida por Zózimo Bulbul, com o ideal de promover e enaltecer a Arte Negra Brasileira. Dentre os envolvidos, podemos ver os documentos em registros dos seguintes nomes: Ubirajara Fidalgo da Silva, Haroldo Clóvis Soares de Oliveira, Adagoberto Arruma, Raimundo José dos Reis, Joana Angelina Lopes dos Santos, Rosemir Muniz Licini, Hélio Procópio Mariano, Joel Rufino dos Santos, Carlos Augusto Ferreira de Negreiros e Jorge da Sila, em arte Zózimo Bulbul.

Dentre os ofícios impressos, encontramos o seguinte texto escrito por Zózimo:

“As necessidades prementes de grupos Afro-Brasileiros, no exercício de levar à comunidade o resultado de seus trabalhos artísticos e culturais, nos levam a tentar a introdução de programas sistemáticos. Isso através de trabalhos didáticos elaborados juntos a essa mesma comunidade no sentido de proporcionar o hábito e a consciência de seus próprios valores culturais, artísticos e religiosos, bem como a integração social que venha a permitir aos grupos atuantes o reconhecimento digno e devido de seus trabalhos, seja na área profissional e experimental ou em outra qualquer, por parte deste público.

Estimular a apreciação pelas Artes Negras; sensibilizar novas plateias no sentido de se criar o hábito de frequentar espaços onde se desenvolvam atividades dos grupos artísticos associados e diretamente ligados à Associação;

Divulgar e estimular as manifestações artísticas do negro brasileiro.

A sensibilização de novas plateias se faz necessária para que se possa ensejar a manutenção e o processo de criação e recriação de nossas artes, o que sem dúvida, viria na atualidade, socorrer os heroicos grupos formados de pessoas sensíveis a esse problema, mas que sem a devida estrutura, experimentam um penoso ostracismo em termos de realização e produção de seus trabalhos, ao não encontrarem o tão esperado eco a seus magnânimos esforços.

Difundir o teatro adulto, o infantil e o experimental; a dança como forma de expressão artística e cultural; a música em todas as suas formas distintas; o cinema e a literatura, facilitando a longo prazo a educação do povo.

Promover cursos, palestras e seminários junto à comunidade, incentivando dessa forma a discussão e debate sobre a arte negra em seu meio, bem como travar convênio com a Secretaria de Educação Municipal de Cultura com o objetivo de se fundir nos meios oficiais, programas que contenham informações culturais a respeito das Artes Afro-Brasileira.”

O ACAAN foi o coletivo em que Zózimo mais teve liderança e iniciativa para as ações realizadas.

A instituição ganhou patrocínio do Ford Fundation e dentre as suas produções está a Feira de Cultura Negra em novembro de 1983, que em um projeto, Zózimo escreve o seguinte:

“O lazer é hoje uma das necessidades básicas do homem, especialmente nos grandes centros urbanos, como sucedânea à constante tensão em que vive. Experiências já vistas de manifestações artísticas e culturais ao ar livre provaram serem estas as melhores formas de promoverem-se simultaneamente lazer e cultura para grande massa dando oportunidade de acesso a informações que normalmente só são acessíveis aos grupos de maior poder aquisitivo.

O potencial da cultura Afro Brasileira é enorme em nossa área geográfica, eis por que, pretendemos montar uma atmosfera deste universo para a promoção de cultura e lazer dirigida a nossa população.

O objetivo é informar e educar sobre manifestações artístico-culturais pouco acessíveis, tais como: artes plásticas, fotografias, dança, música, tradição de origem da temática Afro Brasileira.

O conteúdo programado é a instalação de estandes para a exposição de fotos, exposição de artes plásticas e livros.

A apresentação de espetáculos de dança, música e canto envolvendo o Afoxé – Filhos de Ganghi, o Maracatu do GRAN, o Quilombo, o grupo de capoeira do mestre Jorge, o grupo de Jongo da Serrinha, o balé Olorum Baba Mi, vários famosos partideiros, participação de cantores e cantoras, recreação circense, em palco a ser montado, iluminado e sonorizado.

A ambientação será completada por baianas e barracas de quitutes.

A feira envolverá 300 participantes”

A ACAAN foi sem dúvidas um dos maiores projetos de Zózimo e o lugar onde ele ganhou a experiência que precisava para anos depois fundar o Centro Afro Carioca de Cinema em 2007.

Podemos observar também o interesse que ele tinha pelo segmento da Arte em geral. E principalmente pelas Artes Plásticas, que mesmo não terminando a Escola de Belas Artes, continuou sendo uma referência muito forte ao longo de sua vida.

1.3.4 Abolição (1988)

A partir do depoimento de um ex-escravizado, no ano do filme com 120 anos, chamado Manuel. Ele dá a Zózimo 5 litros de cachaça e diz: - Olha, isso aqui é a cachaça que gosto muito, tem um cara que traz pra mim de Minas Gerais, vamos beber juntos. A partir daí começam a conversar e Zózimo grava. Cada semana ele ia lá pra conversar a perguntava: - Escuta, como é aquele

negócio… E Manuel repetia tudo igual. Zózimo perguntou como é ser escravo. E ele conta que apanhava muito, mas alguém tinha um respeito por ele. Dormia em um lugar, tinha um lugar pra ficar, para trabalhar, comia a partir do que ele mesmo e os outros plantavam. Mas ninguém fazia mais nada por ele. Ele diz que não há mais espaço. Todos os pretos do Brasil não têm nenhum espaço. (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 36)

Desencadeia vários outros depoimentos, numa discussão oral, sem didatismo, contando a história dos ex-escravizados num documento único sobre a vida do negro no Brasil na atualidade. Desmistificando, polemizando e surpreendendo a história oficial na ótica do Movimento Negro, que no ano de 1988 fez muitas mobilizações para a denúncia do racismo no centenário da Abolição e na luta pela conquista de direitos na Assembleia Nacional Constituinte, ocorrendo manifestações do movimento negro em várias capitais e cidade.

Aí eu pensei, não, quero voltar pro Brasil, quero fazer um filme discutindo o Brasil e que foi o último país a abolir a escravidão, e aboliu o quê? Pra mim não aboliu nada, então vou discutir por que não aboliu, que não tiveram coragem de abolir, e eu vou discutir isso num filme, que se tivessem coragem de abolir, assim como os irmãos Rebouças (André Rebouças, 1833-1898 e Antonio Rebouças, 1938-1991, afrodescendentes, engenheiros que trabalhavam na corte de D. Pedro II). Tinha que em primeiro lugar de fazer a reforma agrária, tem que dar terra para todo mundo, porque o japonês chegava aqui e tinha terra, o português já estava aqui e tinha terra, o italiano teve terra, quem não tem terra no Brasil até hoje é o índio, esse ficou lá escondido atrás da mata. E o africano que veio forçado pra cá, e não teve terra para africano. (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014, p. 36)

Na pasta D VIDA, a subpasta que mais tem material é sem dúvidas Abolição. Zózimo guardou todas as versões do roteiro, os projetos para a realização, a versão de um livro para publicação, e muitos ofícios e manuscritos com informações como estas:

“Abolição é gravado durante 1 ano. Tem início da gravação no Carnaval. Fica pronto dias antes da sua estreia em Brasília como parte das comemorações oficiais deste histórico e tão polêmico 13 de maio.

Está estruturado em 3 dias: 12, 13 e 14 de maio. No dia anterior à abolição da escravatura, o filme trabalha a partir de levantamento histórico com reprodução de fotos e gravuras que mostram situações de violência a que o negro escravo foi subjugado, além de fotos de negros fujões, dos que resistiam, no negro do tronco, etc. O dia 13 de maio, além da cena ficcionada da assinatura, pela princesa Isabel, da Lei Áurea, discute a abolição do ponto de vista da inevitabilidade histórica (a maioria dos negros já estava liberta), mostrando a farsa que representou o abolicionismo na medida em que lutavam muito mais pela derrubada da monarquia do que pelo fim da escravatura. E também deste dia, que as cenas documentais do carnaval carioca aparecem.

O dia seguinte é ainda o dia de hoje. Os negros marginalizados do processo político, social, econômico, cultural. O preconceito, o racismo, e por aí vai. Além da história do que foi e representou a abolição da escravatura, o filme é recheado de entrevistas de pessoas do povo e intelectuais que discutem a questão. Um dos entrevistados ilustres do filme é o seu Manoel, um negro de 120 anos, que mora em São Gonçalo, Niterói. Um representante vivo da história que não deixa de ser o símbolo d que foi, e ainda é, a vida do negro no país que ocultou essa balela dos discursos da democracia racial. Seu Manoel é um trabalhador incansável, um andarilho, um filósofo que anda sempre a pé e resistiu”, diz Bulbul.

Aborda-se, sem rodeios, a outra versão da história num filme dirigido e representado dentro da perspectiva do negro.

Fala: juiz, padre, empregada doméstica, presidiário, sociólogo, diplomata, sambista, ator e representantes de outros setores da sociedade, cada um com suas queixas e conclusões. Tem de tudo nos depoimentos, desde Gande Othelo declarando que foi ser ator “pra comer bife a cavalo”, até seu Manoel, ex-escravizado de 120 anos, testemunhando em vida, a triste condição do negro no Brasil. Ou ainda mãe Filhinha de Cachoeira, falando do Candomblé tradicional e “da força que nasce debaixo do chão.”

Entre as personalidades brancas, destacam-se: Luiz Carlos Prestes, com um depoimento revelador sobre o Duque de Caxias e o negro na guerra da Balaiada; D. Pedro de Orleães e Bragança, neto da Princesa Isabel, dissertando sobre a Lei Áurea e os objetivos históricos usados pela avó; Fernando Freire, falando pelo pai, Gilberto Freire; e D. Helder Câmara, magnífico, louvando uma apropriação do cristianismo com a mística africana.

“Abolição” foi premiado em novembro de 1988 como Melhor Pesquisa Histórica e Melhor Fotografia no FESTIVAL DE BRASÍLIA DE CINEMA BRASILEIRO, em agosto de 1990 como Melhor Documentário de longa-metragem no FESTIVAL LATINO DE FILMES EM NEW YORK, também foi mostrado no em dezembro de 1989 na cidade de Havana em Cuba no 11º FESTIVAL DEL NUEVO CINE LATINOAMERICANO, em janeiro de 2019 em Rotterdam na Mostra SOUL IN THE EYE - ZÓZIMO BULBUL'S LEGACY AND THE CONTEMPORARY BLACK BRAZILIAN CINEMA e em agosto de 2019 na Suíça na 72ª edição do FESTIVAL DE CINEMA DE LOCARNO.

1.4 Década de 90

Na década de 90, foram anos muito difíceis para Zózimo. Mesmo ele tendo escrito muitos projetos, poucos foram realmente desenvolvidos e aprovados. Nesse tempo, nascem as ideias que se tornariam - uma década depois - o centro afro carioca de cinema. Mesmo com toda a dificuldade da época, Zózimo não desistiu em nenhum momento de lutar e enxergar dias melhores. As viagens com seus filmes e participações em seminários internacionais também fortaleceu.

O fechamento da empresa brasileira de filmes (Embrafilme) pelo governo do presidente Fernando Collor de Mello. Em 1990, desorganizou o meio cinematográfico. Os dois anos do mandato desse presidente, entre 1990 e 1992, estão entre os piores para o cinema brasileiro. Em 1992, por exemplo, apenas dois filmes de longa-metragem foram lançados.

Ao colapso do período Collor, se seguiram as leis de incentivo fiscal como a lei do audiovisual, promulgada em 1993. Essas só começariam a dar resultados, a partir de 1995, quando os projetos parados desde o início da década começaram a ser realizados. Durante esse período, Bulbul não dirigiu nenhum filme.

Em entrevista para o Portal, Biza Vianna relata: “Num momento – no início dos Anos 90 - entra Collor de Mello. O Brasil fica impossível – barra pesada –, difícil manter relações amorosas quando tudo ao lado se desmantela. Ninguém conseguia trabalho e os que pintavam, muitas vezes eram interrompidos.

A perda de amigos pela AIDS, o fechamento de instituições como Embrafilme, o dinheiro de todo mundo confiscado. O racismo na sociedade só aumentava. Se antes não se tinha muitas referências nas instituições de governo junto à Cultura, nesse momento, acabaram-se as poucas que existiam. Um caos! Eu e Zózimo nos separamos. Passamos 10 anos afastados.” (Portal - Zózimo Bulbul, 2021)

Eu sinto como se o acervo do Zózimo tivesse um vácuo na década de 90. Biza tem péssimas recordações dessa época. Devemos também acrescentar a retomada de um cinema majoritariamente branco, dificultando ainda mais a produção de um cinema negro no país.

1.5 Anos 2.000

Biza Vianna foi e continua sendo a pessoa que mais trabalha em prol da memória e filosofia de Zózimo Bulbul. Dona de um espírito eternamente jovem e transgressor, eu tive a oportunidade de documentar histórias muito pessoais como o adoecimento de Zózimo, quando se recuperou mas depois foi para o CTI sem fala, sem movimento.

Biza acredita que Zózimo adoeceu após a filmagem de Veneno da Madrugada (2004), filme de Rui Guerra, onde Zózimo estava em um papel excelente, novamente em um bom momento.

Mas o Veneno entrou em suas veias, de forma avassaladora. Três meses de hospital. No filme, nem a direção e nem a produção tomaram nenhuma providência.

Biza diz:

“Nem solidariedade, nem respeito aos direitos humanos, nem nada!

Ainda bem que Helena, sua irmã, conseguiu colocá-lo no Hospital dos Servidores, ela era da área de saúde.

A partir dali, entendi que minha vida estava ligada para sempre a esse homem, Zózimo Bulbul.”

Não estava na hora de ir embora dessa terra. Me reconstruindo, lembro que tem muito o que fazer por aqui. Por toda a juventude preta que está aí na porta crescendo e querendo falar e gritar!

Acho de novo prazer e possibilidades na vida, arranjo forças e volto a andar, me exercitar e trabalhar. Trabalho muito. Roteiro e direção de dois filmes que saem do forno ainda em convalescença: “República Tiradentes” (2004) e “Zona Carioca de Porto” (2006) - as fotos mostram minha presença nas filmagens ainda em tratamento, mas com imenso prazer de estar vivo!

Surgem convites:

- Lançamento em Salvador do DVD “O Cinema de Zózimo Bulbul"/2005

- Festival Afro em Foco/ 2006 – Buenos Aires

- Festival Raízes Negras/ 2006 – Rio de Janeiro

- Encontro de Cinema Latino em Toulouse/ 2007 – França

- Convite feito por Ubiratan de Castro da Bahia de curar o que

Zózimo deu o nome de “OBRAS RARAS”. – Salvador

- E a realização do filme “Referências” (que faz parte da Coletânea)

O texto de Zózimo na primeira pessoa é construído a partir do depoimento de Biza Vianna para o Portal. Ela continua dizendo:

“Em 2007, logo após a volta de Toulouse, ocorreu a criação do Centro Afro Carioca de Cinema em julho, de onde sou também cofundadora.

Ele tinha um dinheiro e resolvemos entrar em uma obra. As paredes foram quebradas e pintadas com as cores pan-africanas.

Foi a realização do sonho dele.

Eu, Ruth Pinheiro, logo depois Naira Fernandes, Vânia Lima, Monalisa Alves, Fernando Barcelos, Júlio Vitor e depois Luana Paschoa. Éramos um time!

Todas as ações perto uma das outras, foram fundamentais para que o Encontro de Cinema Negro Brasil e África fosse se formando, de maneira orgânica, criativa e se aproximando da realidade.

Em setembro de 2007, os seus 70 manos comemorados em três dias bastante felizes pela presença da VIDA sendo maior que as dificuldades.

Logo após, em novembro, aconteceu o 1º Encontro de Cinema Negro Brasil, África no Cinema ODEON. Sinceramente, para mim, seria um evento que aconteceria somente naquele ano. Mas não!

Antes da estreia, em uma entrevista para imprensa, Zózimo disse:

- E o ano que vem, vou trazer a América Latina!

E trouxe!!!” (Portal - Zózimo Bulbul, 2021)

1.5.1 A consolidação do Sonho: Fundação do Centro Afro Carioca de Cinema Zózimo Bulbul (2007)

Tudo começa com o meu filme Abolição, quando é selecionado para um festival de cinema da diáspora africana em Nova York em 1995. Nos últimos dias do evento, me fazem o convite para ir em 97 participar do FESPACO em Burkina Faso. Eu me sinto muito honrado por que esse é o maior festival da África e um dos mais importantes do mundo.

O Abolição ganha o Festival de Brasília em 88 e um prêmio em Cuba em 89. Nesse festival de Cuba, me chamam para Nova York onde ganho mais um prêmio. Aqui no Brasil não sai uma nota de jornal sobre o filme ou os prêmios que ganho. Volto muito triste com essa coisa do filme ter ganho vários prêmios em festivais e aqui no Brasil não acontecer nada. (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014)

Quando chego em Burkina Faso em 97, é uma surpresa muito grande. Sou muito bem recebido desde o aeroporto até o hotel e principalmente durante o Festival. Sou respeitado como preto brasileiro, cineasta e convidado do festival. Quando vejo o povo na cerimônia de abertura, mais de 20.000 pessoas em um Campo de Futebol, eu me emociono muito. A diferença do FESCAPO para outros festivais de cinema pelo mundo é que no FESPACO o povo participa. O povo de Burkina Faso e de países próximos. Nos outros festivais como Cannes e até mesmo Festival do Rio, são festivais feitos para Elite e não para o povo.

Volto pro Brasil e acho necessário fazer algo sobre o cinema negro. Só não sei o que. Em 2007 vou com outros cineastas e atores afro brasileiros para o encontro de cinema latino americano de Toulouse na França. Chego na cidade e fico surpreso. Uma cidade pequena, sem os palácios que a gente encontra nos grandes festivais. Tudo pequeno, na medida certa. Sala de cinema lindíssimas, com 80 lugares por exemplo.

Aquela ideia de fazer algo voltado para o cinema negro vai tomando forma. Percebo que não preciso de um lugar grande pra fazer uma sala de cinema e volto com a ideia de colocar em prática a realização de um espaço destinado a exibir nossos filmes, de cineastas pretos e pretas do Brasil e da África. É aí que, em um espaço com uma carpintaria em plena Lapa, acho o lugar certo para criar o Centro Afro Carioca de Cinema. Uma das coisas mais gratificantes da minha vida. Eu saio de casa para acompanhar a obra com um imenso tesão todos os dias. Derrubamos paredes, pintamos e reformamos a casa toda. Biza e eu acompanhamos tudo. Eu ainda não estou muito bem de saúde, não estou andando bem, mas o processo de criação do Centro Afro Carioca me dá motivação para acabar de me recuperar.

Uma grande inspiração para o Centro Afro, é o Mestre Candeia e o Grêmio Recreativo de Arte Negra Quilombo. O que essa Escola de Samba representa a nível do rompimento com que estava estabelecido em relação ao carnaval no final dos anos 70. (BULBUL, ALVES, DE CARVALHO, & FERREIRA, 2014)

1.5.2 Encontro de Cinema Negro (2007)

O Encontro de Cinema Negro Brasil África lança um novo olhar sob o negro, são cineastas negros produzindo cinema, valorizando a identidade da cultura brasileira e africana afim de tirar da invisibilidade a rica herança dos nossos ancestrais pouco conhecida no Brasil.

O objetivo é resgatar a memória da presença do negro e suas temáticas no cinema nacional e internacional. Integrar a troca de experiências entre diretores e novos realizadores. Incentivar as novas produções e intercâmbios, através da exibição de filmes e documentários, além de provocar discussões entre produtores, críticos, estudantes e público interessados em cinema.

A valorização da cultura africana e a busca dos irmãos da diáspora fazem parte do meu trabalho. Um intercâmbio de conhecimentos que tento passar através do Centro Afro Carioca de Cinema porque acho que através do Cinema a mensagem chega mais rápido, sem barreiras de linguagem.

A intenção é sobretudo, juntar todas as singularidades de cineastas que já estão produzindo cinema negro brasileiro. São reunidos 30 cineastas, incluindo os veteranos e a juventude que está nos primeiros passos nos meados dos anos 2.000. O diferencial é juntar os cineastas que estão produzindo no Brasil e também trazer os africanos colocando-os em contato com os cineastas daqui. No primeiro ano do Encontro são convidados 11 cineastas africanos de diferentes países.

1.5.3 FESPACO (2009)

Quando chego da África onde participo do 21º FESPACO[28], fico com a energia renovada e abastecido pela força das terras africanas. Busco me aprofundar mais na história da África para contar no Brasil, já que o Brasil faz questão de desconhecer a história africana. E não quero perder o laço com Burkina Faso. Não quero perder os laços entre Brasil e África através do cinema. Pra mim, é um círculo que não se fechará e que só tende a aumentar. Cineastas negros brasileiros indo para fora do país mostrar suas obras, cineastas africanos e afro latinos mostrando suas obras aqui. Esse intercambio não pode parar.

1.5.4 Senegal (2010)

Pisar em Dakar, no Senegal pela primeira vez para registrar um momento histórico é uma grande vitória. Um sonho de mais de 30 anos. A nossa ida ao Senegal é um reconhecimento de um trabalho que vem sendo desenvolvido desde 2007 no primeiro Encontro de Cinema Negro, valorizando o cinema Africano. Essa comemoração acontece em abril de 2010, vamos para a capital Dakar a convite do governo do Senegal, por ocasião da festa dos 50 anos de independência dos países do oeste da África.

Filmar esse momento histórico é a concretização de tudo aquilo que eu quero mostrar no Brasil. Uma realização imensa e um grande impacto em poder desmistificar e mostrar uma África vibrante.

O filme Renascimento Africano (2012) é um alerta e mostra uma África que está pronta para o mundo. É um filme que não é linear. É um filme para ser discutido. Somos recebidos pelo presidente da República, Abdoulaye Wade, que em uma de suas falas, prevê que dentro de 25 anos, todo o continente africano

---

[28] O Festival Pan-Africana de Cinema e Televisão de Uagadugu é o maior festival de cinema da África e é realizada a cada dois anos, em Uagadugu, Burquina Fasso, onde a organização está sediada.

estará no mesmo nível econômico e social das grandes potências mundiais. O mundo vai olhar para a África e lá as coisas vão acontecer.

1.5.5. O Último Encontro

A grande emoção deste Encontro é aliar ao Cinema Negro, uma intervenção urbana na Pequena África, onde podemos reverenciar todos os africanos que por ali passaram. Estou realizando mais um pedaço de um grande sonho. Participar da valorização do bairro da Gamboa, a nossa Pequena África. E principalmente, empretecendo a cidade.

Tenho 50 anos de carreiro e 75 de idade. Com a saúde meio claudicante… Mas eu quero sim! Eu tenho o projeto de uma peça escrita por Joel Rufino, quero dirigi-la o mais rápido possível.

De cinema, eu, Mansour Sora Wade do Senegal e Rigoberto Lopez de Cuba, estamos pensando em um futuro próximo, mas bem próximo, descrever uma história que englobe a África, a América Latina e o Caribe. E que eleve a autoestima do negro. Que passe por essa trajetória negra, mas saindo dessa história de escravidão. Nós temos uma história, que precisa ser contada através do audiovisual, por nós. E eu quero buscar subsídios na África, no Caribe, na América do Norte, para fazer uma superprodução cinematográfica, para que possamos no orgulhar de nós mesmos.

Quanto aos meus 50 anos de carreira, não consegui realizar tudo o que queria, faltou muita coisa, mas também não tenho grandes frustrações não. Me jogo em tudo que penso e quero fazer, mesmo que algumas coisas deem errado. Estou aqui hoje orgulhoso de tudo o que faço e quero fazer muito mais, não só pra mim, para o meu povo e não só para o Brasil, mas para a América Central e para a África.

Tem várias obras que eu dirigi e outras que participei como ator, para mim todas são importantes, mas o Centro Afro Carioca de Cinema e os Encontros de Cinema Brasil, África e Caribe, para mim são uma conclusão de

tudo aquilo que li e estudei, que poderá ser discutido não só hoje, como amanhã e depois e para sempre.

Considerações Finais

Zózimo Bulbul foi transgressor e sempre esteve a frente a seu tempo. Visionário. Profeta. Zózimo rompeu barreiras, superou seus medos e deixou um imenso legado.

Desde a infância, extremamente inteligente, Zózimo sempre teve sede por conhecimento e muito novo, ganhou consciência que vivia em uma sociedade racista. Entendeu que se não quisesse ser rebaixado ou humilhado, devia ser forte. E essa força veio tão intensa, que Zózimo se colou disposto a derrubar o racismo a vida inteira.

Eu vejo a afrontamento de Zózimo ao encarnar um personagem afrontoso, ao ponto de gritar e lutar contra todo e qualquer tipo de discriminação, expressando todo esse transbordamento em sua arte, na intenção de chegar no povo e contribuir com mais informação, arte e cultura. Essas foram as principais razões para Zózimo escolher o Cinema. Por que ele sabia que através do audiovisual podia acessar a massa e mudar os pensamentos influenciados por um sistema racista e desigualitário.

Zózimo passou pelo Teatro, Artes Plásticas, TV, Música, Cinema… E em todos os segmentos deixou história. Lutou pelos seus ideais, mesmo quando diziam a ele para pensar 2 vezes. Zózimo sempre foi leal aos seus ideais e nuca deixou de afrontar, enfrentar, encarar de frente qualquer questão que o colocasse, enquanto homem preto, desconfortável ou inferiorizado.

Zózimo se deu conta que o poder estava nas mãos da classe dominante que tinha a cor branca e estava a frente do poder jurídico, econômico, politico e social. tinha a cor branca e estava a frente do poder jurídico, econômico, politico e social. tinha a cor branca e estava a frente do poder jurídico, econômico, politico e social. (DE ALMEIDA, 2018)

Zózimo passou por muitos movimentos, grupos, instituições e foi extremamente importante para a produção de Arte Negra no Brasil.

Reconhecido como pai do Cinema Negro, mesmo não tendo sido o primeiro cineasta preto a produzir um filme, Zózimo é o responsável pelo maior Encontro de Cinema Negro da América Latina e até hoje inspira centenas de jovens pretos a iniciarem sua carreira no meio audiovisual.

Toda honra e gratidão em ter tido a missão de escrever essa dissertação. Meu eterno obrigado a Zózimo Bulbul, minha maior inspiração artística da vida.

Referências

ACARI, D. d. (15 de Janeiro de 2021). Portal Zózimo Bulbul. (Macário, Entrevistador)

AMARAL, E. D. (2020). **Identidades e Memórias: análise das territorialidades e subjetividades dos agentes e produtores pertencentes ao Centro Afro Carioca De Cinema**. Rio de Janeiro: CEFET.

ARAÚJO, J. Z. (2008). **O Negro Na Dramaturgia, Um Caso exemplar da Decadência do Mito da Democracia Racial Brasileira**. Florianópolis: EstudosFeministas.

AUBERT, A. C. (2016). **Poemas de Aimé Césaire**. Acesso em 7 de Abril de 2020, disponível em Rascunhos: http://rascunho.com.br/poemas-de-aime- cesaire/

BANCO DO BRASIL, F. (1997). **Projeto Memória.** Acesso em 3 de Abril de 2020, disponível em Projeto Memória: http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/negritude-de-corpo-e-alma.jsp

BATISTA, W. (Agosto de 2018). A Inferiorização dos Negros a Partir do Racismo Estrutural. *Direito e Práxis*, 9.

BENEDITO, S. (1 de Março de 2021). Portal Zózimo Bulbul. (Macário,Entrevistador)

BERTIN, C. E. (10 de Dezembro de 2020). **ViaCarreira.** Fonte: ViaCarreira: https://viacarreira.com/pesquisaempirica/#:~:text=No%20desenvolvimento%20de%20uma%20investiga%C3%A7%C3%A3o,de%20dados%20atuais%20e%20reais.

BULBUL, Z. (Diretor). (1974). **Alma no Olho** [Filme Cinematográfico].

BULBUL, Z. (20 de Abril de 1988). Entrevista Museu da Imagem e do Som - CemAnos de Abolição. (A. Ness, & A. B. Nascimento, Entrevistadores)

BULBUL, Z. (25 de Outubro de 2001). Entrevista de Zózimo Bulbul concedida aNoel de Carvalho. (N. Carvalho, Entrevistador)

BULBUL, Z., ALVES, U., DE CARVALHO, N., & FERREIRA, V. (2014). *Zózimo Bulbul - Uma Alma Carioca.* (J. De, Ed.) Rio de Janeiro: Centro Afro Carioca de Cinema.

BULBUL, Z., Vianna, B., & Macário, F. (21 de Outubro de 2021). *Portal - ZózimoBulbul.* Fonte: Portal - Zózimo Bulbul: zozimobulbul.com.br

CALDAS, G. (1972). Renascença, o das mulatas, será centro de arte negra. *OGLOBO* , 9.

CARDOSO, C. P. (Dezembro de 2014). Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*.

CARVALHO, N. D. (2005). *Cinema e representação racial: O cinema negro de Zózimo Bulbul.* São Paulo.

CARVALHO, N. d. (12 de Novembro de 2012). O produtor e cineasta Zózimo Bulbul. *O Inventor do Cinema Negro Brasileiro*.

CASTRO, C. (2005). *A trajetória de um arquivo histórico: reflexões à partir da documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil.* Rio de Janeiro: Estudos Históricos.

Clube, R. (s.d.). Programa do Espetáculo Orfeu Negro. *Orfeu Negro.* Renascença, Rio de Janeiro.

COSLEI, A. (2018). *GGN*. Acesso em 5 de Abril de 2020, disponível em JORNAL GGN: https://jornalggn.com.br/cidades/a-agonia-da-vila-mimosa-a-herdeira-do-mangue-por-alexandre-coslei/

COZER, R. (Produtor), & BULBUL, Z. (Diretor). (1988). *Abolição* [FilmeCinematográfico].

DANTAS, T. (2020). *Bossa Nova*. Acesso em 7 de Abril de 2020, disponível em Brasil Escola: https://brasilescola.uol.com.br/artes/bossa-nova.htm

DE ALMEIDA, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.

DE, J. (2005). **Dogma Feijoada, O Cinema Negro Brasileiro**. São Paulo:Imprensa Oficial.

EUGENIO, R. W. (Setembro de 2015). Achille Mbembe. Crítica da Razão Negra. *Revista Nures*, 2.

FANON, F. (2008). **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Edufba.

Faustino, O. (30 de Outubro de 2016). **Oscar Micheaux e o cinema afro-americano.** Fonte: Revista Raça: https://revistaraca.com.br/oscar-micheaux-e-o-cinema-afro-americano/#:~:text=Por%C3%A9m%2C%20gra%C3%A7as%20%C3%A0%20mostra%2C%20j%C3%A1,com%20prop%C3%B3sitos%20pol%C3%ADticos%20e%20sociais.

FERREIRA, V. (16 de Agosto de 2016). **Cinema Negro Ovo**. Fonte: No Brasil: http://nobrasil.co/cinema-novo-e-cinema-negro-da-estetica-da-fome-estetica-do-faminto/

GOFF, J. L. (1984). **Documento/Monumento.**

GONZALEZ, L. (1988). **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Rio deJaneiro: Tempo Brasileiro.

GONZALEZ, L. (1988). **A importância da organização da mulher negra noprocesso de transformação social**. Brasília: Raça e Classe.

GOODE, W. J. (1979). **Métodos em Pesquisa Social**. Nacional.

HERZOG, I. V. (2014). **Movimentos Negros.** Fonte: Memórias da Ditadura:http://memoriasdaditadura.org.br/movimentosnegros/

HEYMANN, L. (2018). **Arquivos Pessoais**. Rio de Janeiro: FGV.

IMS. (5 de Março de 2019). *L.A. REBELLION NO IMS RIO*. Fonte: IMS: https://ims.com.br/mostra/l-a-rebellion-ims-rio/

ITAÚ. (2014). **Enciclopédia Itaú Cultural.** Acesso em 6 de Abril de 2020, disponível em Itaú: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26597/oduvaldo-vianna-filho

LE GOFF, J. (1984). **Documento/Monumento** (Vol. 1). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

LEAL, C. M. (2015). **Cinema Clássico.** Acesso em 7 de Abril de 2020, disponível em Cinema Clássico: https://cinemaclassico.com/curiosidades/o-movimento-neorrealismo-italiano/

LUCENA, F. (19 de Fevereiro de 2017). Diário do Rio. Fonte: Diario do Rio:https://diariodorio.com/historia-do-clube-renascenca/

MAC. (s.d.). *MAC*.

MAEBA, P. (2020). **Carta Capital.** Acesso em 3 de Abril de 2020, disponível em Carta Capital: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/a-atualidade-e-a-urgencia-de-lelia-gonzalez-em-2020/

MAM. (2020). **Museu de Arte Moderna.** Acesso em 6 de Abril de 2020, disponível em MAM Rio: O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), criado em 1948, é dedicado à vanguarda e ao experimentalismo. O MAM Rio abrigou parte considerável dos movimentos artísticos brasileiros, como o Grupo Frente (1954), o Neoconcretismo (1959), a Nova Obje

MBEMBE, A. (2014). **A Crítica da Razão Negra** (3 ed.). (M. Lança, Trad.)Lisboa: Antígona.

MOVIMENTO NEGRO, M. (2017). **MNU.** Acesso em 5 de Abril de 2020, disponível em MNU 40 anos de luta por justiça para o povo negro: http://mnu.org.br/quem-somos/

NEGREIROS, C. (1 de Fevereiro de 2021). Portal Zózimo Bulbul. (Macário, Entrevistador)

NEVES, D. (1968). *O cinema de assusnto e autor negros no Brasil.* Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros.

OLIVEIRA, J. (14 de Novembro de 2014). WITH THE ALMA NO OLHO: NOTESON. *CONTEMPORARY BLACK CINEMA*.

ORITMO. (2013). *ORITMO Sons do Brasil Para o Mundo*. Acesso em 03 de Abril de 2013, disponível em oritmo: http://oritmo.com/caxambu

PCB. (2020). **O que é Partido Comunista?** Acesso em 7 de Abril de 2020, disponível em PCB: https://pcb.org.br/portal/docs/partidocomunista.html

PEREIRA, J. (2019). GELEDÉS. Acesso em 3 de Abril de 2020, disponível em GELEDÉS: https://www.geledes.org.br/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/

RODRIGUES, C., & AIRES, S. (2018). **Revista Cult.** Acesso em 3 de Abril de 2020, disponível em Revista Cult Uol: https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-leitura-de-achille-mbembe-no-brasil/

SANT'ANA, T. (2018). **Super Interessante.** Acesso em 7 de Abril de 2020, disponível em Abril: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-nouvelle-vague/

SILVA, D. (22 de Julho de 2014). Passeata dos cem mil. Fonte: Estudo Prático:https://www.estudopratico.com.br/passeata-dos-cem-mil/

SILVA, D. N. (2020). História do Mundo. Acesso em 7 de Abril de 2020, disponível em História do Mundo: https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/governo-janio-quadros.htm

SILVA, M. C. (Junho de 2008). FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** *EDUFBA*.

SILVA, R. T. (2016). Fundação Telefônica VIVO. Acesso em 5 de Abril de 2020, disponível em Fundação Telefônica: http://fundacaotelefonica.org.br/promenino/trabalhoinfantil/noticia/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil/

SOUZA, R. (2020). UOL. Acesso em 5 de Abril de 2020, disponível em Brasil Escola: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/africa-continente.htm

UNE. (2000). UNE. Acesso em 6 de Abril de 2020, disponível em União Nacional dos Estudantes: https://une.org.br/sobre/

VIEIRA, R. (1999). **Relação entre o documento e o conhecimento histórico***.* L. A:Mimesis.